

**HSU KEN YI**

**SEMELFACTIVA, UMA SUBCLASSE DA ATIVIDADE :  
O CASO DO MANDARIM (CHINÊS)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria José Foltran.

**CURITIBA**

**2009**

*Dedico este trabalho ao meu avô, Lin Tian Song (in memoriam).*

## **AGRADECIMENTOS**

*A Deus, o criador.*

*Aos meus pais,*

pelos sábios conselhos e amor incondicional.

*Ao meu irmão, Shang*

por estar comigo nesse caminho de mestrando.

*A todos os meus familiares,*

pela confiança que sempre depositaram em mim.

*A professora Maria José Foltran,*

pela competente orientação, grande paciência e constante apoio.

*A professora Teresa Cristina Wachowicz e professor Márcio Renato Guimarães,*

pelas inúmeras contribuições e pelo cuidado com que avaliaram este trabalho.

*A Marcela Zhang, Huang Shih Fang e Huang Kuanya*

pela amizade e apoio.

*Aos professores de mandarim no Celin,*

por dividir comigo a aventura que é aprender e ensinar mandarim.

*A professora Deizi Link,*

por me contagiar com seu entusiasmo e energia.

*A Antonieta Pessa,*

pela amizade, paciência e carinho.

*A todos os meus amigos e colegas,*

por tudo.

子曰：「学而时习之，不亦说乎？

有朋自远方来，不亦乐乎？

人不知而不愠，不亦君子乎？」

— — 论语

*O mestre disse:*

*“Não é um prazer, uma vez que se aprendeu algo,  
colocá-lo em prática nas horas certas?*

*Não é uma alegria ter amigos que vêm de longe?*

*Não é cavalheiresco não se ofender quando os outros falham em apreciar suas habilidades?”*

*-- Os Analectos*

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE QUADROS .....</b>	<b>vi</b>
<b>LISTA DE TERMOS CORRESPONDENTES .....</b>	<b>viii</b>
<b>LISTA DE ABREVIACÕES .....</b>	<b>ix</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>x</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>xi</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>1. SISTEMA ASPECTO-TEMPORAL DO MANDARIM .....</b>	<b>7</b>
1.1 INTRODUÇÃO .....	7
1.2 UMA DESCRIÇÃO DO SISTEMA ASPECTO-TEMPORAL DO MANDARIM .....	13
1.2.1 Os Marcadores Perfectivos e Imperfectivos .....	17
1.2.1.1 Os marcadores perfectivos .....	17
1.2.1.2 Os marcadores imperfectivos .....	23
1.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	33
<b>2. ASPECTO GRAMATICAL E ASPECTO LEXICAL .....</b>	<b>35</b>
2.1 INTRODUÇÃO .....	35
2.2 ASPECTO GRAMATICAL .....	37
2.3 ASPECTO LEXICAL .....	44
2.3.1 Dinamicidade e Estaticidade .....	44
2.3.2 Telicidade e Atelicidade .....	47
2.3.3 Duração e Instantaneidade .....	53
2.4 OS MARCADORES IMPERFECTIVOS DO MANDARIM E <i>SITUATION</i> <i>TYPE (TIPO DE SITUAÇÃO)</i> .....	57
2.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	67
<b>3. UMA CLASSE ESPECIAL: OS VERBOS SEMELFACTIVOS .....</b>	<b>70</b>
3.1 INTRODUÇÃO .....	70
3.2 SEMELFACTIVO, VERBOS PONTUAIS E ATOMICIDADE .....	70
3.3 SEMELFACTIVO: A SUBCLASSE DE ATIVIDADE .....	80
3.3.1 Semelfactivo e o Marcador Imperfectivo <i>zai-</i> .....	83

3.3.2 Semelfactivo e o Marcador Imperfectivo – <i>zhe</i> .....	<b>89</b>
3.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	<b>92</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>98</b>

## LISTA DE QUADROS

### CAPÍTULO 1

QUADRO 1 – A distribuição das línguas sino-tibetanas .....	8
QUADRO 2 – Quadro comparativo de tempo verbal entre inglês e mandarim .....	14
QUADRO 3 – Sistema tempo-aspectual do mandarim .....	15
QUADRO 4 – Sistema tempo-aspectual das línguas indo-européias .....	16
QUADRO 5 – Critérios para utilização de <i>-le</i> e <i>-guo</i> .....	23
QUADRO 6 – Critérios para utilização de <i>zai-</i> .....	27
QUADRO 7 – critérios para utilização de <i>-zhe</i> .....	31
QUADRO 8 – Tabela dos marcadores aspectuais de mandarim .....	32

### CAPÍTULO 2

QUADRO 1 – A interpretação de Estados (Vendler, 1967) .....	45
QUADRO 2 – Esquema temporal de Estados (Smith, 1997) .....	46
QUADRO 3 – A interpretação de Atividades (Vendler, 1967) .....	48
QUADRO 4 – Esquema temporal de Atividades (Smith, 1997) .....	48
QUADRO 5 – A interpretação de <i>Accomplishments</i> (Vendler, 1967) .....	50
QUADRO 6 – Comparação de atividades com <i>accomplishments</i> .....	51
QUADRO 7 – Esquema temporal de <i>accomplishments</i> (Smith, 1997) .....	52
QUADRO 8 – A interpretação de <i>achievements</i> (Vendler, 1967) .....	54
QUADRO 9 – Esquema temporal de <i>achievements</i> (Smith, 1997) .....	55
QUADRO 10 – Traço temporal e <i>situation type</i> (Smith, 1997) .....	56
QUADRO 11 – As classes aspectuais de Vendler (1967) .....	57
QUADRO 12 – <i>Situation type</i> e ocorrência com os marcadores imperfectivos ....	67

### CAPÍTULO 3

QUADRO 1 – Tabela comparativa de semelfactivo .....	71
QUADRO 2 – Esquema temporal de semelfactivo (Smith, 1997) .....	72
QUADRO 3 – Traço temporal e <i>situation type</i> (Smith, 1997) .....	72
QUADRO 4 – Traço temporal e as acionalidades (Bertinetto & Dini, 2006 .....	75

QUADRO 5 – As caracterizações dos verbos pontuais .....	<b>77</b>
QUADRO 6 – Traço temporal e as classes vendlerianas (Rothstein, 2004) .....	<b>78</b>
QUADRO 7 – Traços temporais de atividade e semelfactivo .....	<b>81</b>
QUADRO 8 – <i>Situation type</i> e ocorrência com os marcadores imperfectivos.....	<b>93</b>

## LISTA DE TERMOS CORRESPONDENTES

<i>Completion</i>	Compleitude/ completar
<i>Event-punctual</i>	Pontual eventivo
<i>Situation type</i>	Tipo de situação
<i>Situation type shifts</i>	Mudança de tipo de situação
<i>State-punctual</i>	Pontual estativo
<i>Tense</i>	Tempo verbal
<i>Termination</i>	Término/ terminar
<i>Viewpoint</i>	Ponto de vista



## LISTA DE ABREVIACÕES

<i>Class.</i>	Classificador
<i>Estat.</i>	Estativo
<i>Experi.</i>	Experiência
<i>Imperf.</i>	Imperfectivo
PB	Português brasileiro
<i>Perf.</i>	Perfectivo
<i>Posse.</i>	Possessivo
<i>Prog.</i>	Progressivo
<i>Realiz.</i>	Realização
<i>Result.</i>	Resultativo
RVC	<i>Resultative Verb Complement</i> (complemento verbal resultativo)

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre como deve ser classificado verbos que têm atomicidade (Rothstein, 2004). Para Smith, 1997 e Bertinetto & Dini, 2006, esses verbos são semelfactivos. Esses autores apóiam fortemente a existência dessa quinta classe aspectual, indicando que os semelfactivos se comportam diferente dos verbos de atividade e de *achievement*. A distinção entre semelfactivo e *achievement* é feita por Bertinetto & Dini, 2006. Enquanto esses autores apresentam argumentos para comprovar a existência dessa quinta classe, Rothstein (2004) acredita que verbos semelfactivos são subparte da atividade, considerando que, pragmaticamente, o evento descrito por esses verbos ocorre como atividade. Língua como mandarim evidencia a inexistência da quinta classe, levando em consideração os marcadores imperfectivos, como *zai-* e *-zhe*, que marcam o progressivo e o resultativo respectivamente. Isso porque os verbos de uso semelfactivo ao estarem com esses dois marcadores denotam leituras de atividade e dificilmente semelfactiva. Tendo essa discussão como objetivo central, o trabalho ainda aborda os marcadores perfectivos como *-le* e *-guo*, as suas semelhanças e diferenças e ainda como se comportam diante das classes aspectuais vendlerianas. O marcador *-le* marca a realização do evento e o *-guo* marca a completude do evento, pois expressa a experiência. A noção de completude, além de ser denotada pelo marcador *-guo*, também é expressa por *Resultative Verb Complement* (RVC).

**PALAVRAS-CHAVE:** Aspecto. Marcadores aspectuais. Semelfactivos. Mandarim. Língua chinesa.

## ABSTRACT

This work presents an analysis about how to classify verbs with atomicity (Rothstein, 2004). For Smith, 1997 and Bertinetto & Dini, 2006, these verbs are semelfactive. These authors support strongly the existence of this fifth aspectual class, indicating that semelfactive has different behavior from activity and achievement verbs. The difference between semelfactive and achievement is studied by Bertinetto & Dini, 2006. While these authors presents arguments to prove the existence of fifth class, Rothstein (2004) believes that the semelfactive verbs are subpart of activity, considering that, pragmatically, the event described by these verbs occur like activity. Language like mandarin put evidence for inexistence of fifth class, considering the imperfective marker, like *zai-* and *-zhe*, which mark progressive and resultative respectively. This because when semelfactive use verb being with these two markers denote activity reading and difficultly semelfactive. Having this discussion as purpose, this work yet talks about perfective marker, like *-le* and *-guo*, your similarity and difference and how they behave with Vendler's aspectual classes. The marker *-le* marks realization of the event and *-guo* marks the completion of the event, because it expresses an experience. The notion of completion can be expressed by marker *-guo*, and also can be expressed by Resultative Verbal Complement (RVC).

**KEY-WORDS:** aspect. Aspectual markers. Semelfactive. Mandarin. Chinese language.

## INTRODUÇÃO

Como professora de mandarim, deparo-me com certa dificuldade em explicar duas partículas para um aluno estrangeiro, *zai-* e *-zhe*, pois a sua definição gramatical é um tanto obscura, ou seja, quando não são explicadas com exemplos, é difícil entender a diferença entre elas. Em função de pesquisar nos trabalhos linguísticos sobre essas duas partículas para uma melhor explicação, uma questão chamou a minha atenção: a chamada classe semelfactiva quando está acompanhada dessas duas partículas denota para os falantes nativos as mesmas interpretações que eles têm das atividades. Veja:

- (1) 小 鸟 | 在 | 拍 打 | 翅 膀。<sup>1</sup>  
Xiǎo niǎo | zài | pāi dǎ | chì bǎng  
Pássaro(s) | zai<sub>prog.</sub> | bater | asa(s)  
“O(s) pássaro(s) está(ão) batendo a(s) asa(s).”

- (2) 小 鸟 | 拍 打 | 着 | 翅 膀。  
Xiǎo niǎo | pāi dǎ | zhe | chì bǎng  
Pássaro(s) | bater | zhe<sub>result.</sub> | asa(s)  
“O(s) pássaro(s) está(ão) batendo a(s) asa(s).”

Com os exemplos (1) e (2) percebe-se que ambas as sentenças são verdadeiras em progressivo (está(ão) batendo) e ainda apresentam uma sequência contínua da ação *pāi dǎ* (*bater as asas*). Comparando os exemplos (1) e (2) com (3) e (4) a seguir, observamos que o semelfactivo ao estar em progressivo denota o que um verbo de atividade em progressivo denota – uma situação de atividade em andamento.

---

<sup>1</sup> Para facilitar a leitura, todos os exemplos citados nesse trabalho terão barras divisoras, separando um vocábulo do outro e seu significado correspondente em português.

(3)	晓英	在	唱	歌。
	Xiǎo yīng	zài	chàng	gē
	Xiao Ying	zai <sub>prog.</sub>	cantar	canção
“Xiao Ying está cantando.”				

(4)	晓英	唱	着	歌。
	Xiǎo yīng	chàng	zhe	gē
	Xiao Ying	cantar	zhe <sub>result.</sub>	canção
“Xiao Ying está cantando.”				

Quando comparamos os exemplos (5) e (6) a seguir, notamos que, apesar de serem apresentados como indicador de duração em mandarim, existem diferenças importantes entre eles (diferenças essas que serão explicadas e exemplificadas ao longo desse trabalho).

(5)	晓英	穿	着	NIKE	布鞋	跑步。
	Xiǎo yīn	chuān	zhe		bù xié	pǎo bù
	Xiao yin	vestir/calçar	zhe <sub>result.</sub>		tênis	correr
“Xiao Yin corre com tênis de Nike.”						

(6)	* 晓英	在	穿	NIKE	布鞋	跑步。
	Xiǎo yīn	zài	chuān		bù xié	pǎo bù
	Xiao yin	zai <sub>prog.</sub>	vestir/calçar		tênis	correr
“Xiao Yin corre calçando tênis de Nike.”						

Em função de melhor entender o que ocorre por trás desse fenômeno e ainda de aperfeiçoar a prática como professora de mandarim e aprendiz da língua em questão, houve a necessidade de compreender melhor as características dessas duas partículas e de estabelecer semelhanças entre um verbo semelfactivo e um verbo de atividade. Além disso, pretendo, com este trabalho, contribuir para explicitar, de forma mais sistemática, por que elas não combinam com estado e *achievement*. Dessa forma, a

ideia é fazer uma pesquisa mais fundamentada e direcionada sobre o assunto. Ainda, este estudo servirá para outros professores de mandarim e estudantes estrangeiros dessa língua como uma referência de consulta. Por isso, este trabalho tende a ter muito mais um caráter didático, além do teórico.

Em relação à classe semelfactiva, os linguistas chineses não a explicaram com mais detalhes, diferentemente dos linguistas ocidentais que deram uma atenção mais específica, ou pelo menos o assunto causa grande polêmica no meio acadêmico ocidental. Comrie (1976), no seu trabalho, mencionou o termo semelfactivo com a intenção de caracterizar a pontualidade, por isso não explicou o que seja isso com mais precisão. Autores como Smith (1997), Rothstein (2004) e Bertinetto & Dini (2006) são os que analisaram com mais detalhes com a intenção de argumentar a favor ou contra a existência do semelfactivo como uma classe a parte. Smith (1997), por exemplo, diz:

Semelfactives are single-stage events with no result or outcome.  
Semelfactives are the simplest type of event, consisting only in the occurrence.

Já para Rothstein (2004),

Semelfactive verbs, or semelfactive uses of verbs, are verbal predicates used to denote single instances of events, usually considered to be activities.

Bertinetto & Dini (2006) usaram outro termo mencionado por Comrie que também dá essa mesma denotação, o termo é pontual. Para eles:

A subclass of non-durative verbs, that we call punctuals, are non-telic, in the sense that they do not involve a resulting state as part of their semantic endowment.

Apesar de outros autores definirem semelfactivo, apenas Rothstein (2004) argumentou contra a sua existência como uma classe à parte. Na citação anterior, por exemplo, a autora considera semelfactivo parte da atividade. Posto essa definição de Rothstein (2004) com os exemplos (1) e (2), deparo-me com a ideia de que o progressivo indicado por *zai-* e o resultativo<sup>2</sup> indicado por *-zhe* combinando com os verbos semelfactivos resultam, na realidade, uma situação de atividade e não uma situação semelfactiva. Com o objetivo de sustentar a hipótese de Rothstein (2004), analiso esse fenômeno utilizando dados do mandarim.

Para melhor compreender o porquê desse resultado, é imprescindível antes de tudo entender como o aspecto é analisado e estudado em mandarim. Já que na literatura, no que diz respeito à noção de aspecto, costuma reconhecer a diferença entre o aspecto gramatical e o lexical. Quando se trata do aspecto gramatical, o trabalho que mais tem influência é de Comrie (1976), descrevendo-o com os termos perfectivo e imperfectivo. E quanto ao aspecto lexical, o estudo que é exhaustivamente referido é de Vendler (1967), que distinguiu os verbos em quatro classes – estado, atividade, *accomplishment* e *achievement*. Visto que o mandarim é uma língua *tenseless*, isto é, não há flexão verbal para indicar tempo verbal, a consequência é que não há nenhum morfema para indicar perfectividade ou imperfectividade, mas nem por isso o mandarim deixa de marcar isso na língua. Em mandarim, a (im)perfectividade é indicada por meio de partículas (que, neste trabalho, chamo de marcadores aspectuais).

A importância do aspecto lexical é para compreender de forma mais sistemática o porquê da (a)gramaticalidade dos marcadores com as quatro classes aspectuais, por meio dos traços temporais que existem entre eles.

---

<sup>2</sup> O resultativo indicado por *-zhe* é a propriedade do marcador. O resultativo aqui é diferente do complemento verbal resultativo.

Obviamente, o objetivo principal apresentado acima faz surgir, ao decorrer do trabalho, uma série de outras questões interessantes, objetivos subjacentes que poderão também ser direções para futuros trabalhos.

Vale salientar que o trabalho se apresenta como um estudo descritivo. O capítulo 1, além de ser didático, pois oferece aos interessados uma ideia relativamente ampla de como o aspecto se dá em mandarim, ainda tem um certo caráter teórico. Para elaborar o primeiro capítulo deste trabalho, os autores utilizados como referência são Gong (1995), Smith (1997) e Ma & Ross (2006). Além dessa contribuição teórica, ainda há contribuição da minha experiência como falante nativa. Por esse motivo, os exemplos mencionados neste trabalho são extraídos de livros da língua em questão, ou criados por mim para fins de ser objeto de análise, e se submeteram às impressões de pelo menos dois outros falantes nativos.

Após a análise dos exemplos do primeiro capítulo, será observado que o aspecto em mandarim é constituído pelo aspecto lexical e aspecto gramatical, apresentados no capítulo 2, com a intenção de entender melhor como os marcadores imperfectivos se combinam com as classes aspectuais, focalizando a atividade, que será comparada ao semelfactivo – objetivo central desse trabalho. Os autores que compõem esse capítulo são Vendler (1967), Comrie (1976), Gong (1995) e Smith (1997). Vendler (1967) tem grande influência por ter distinguido os verbos em quatro classes e Comrie (1976) por ter contribuído com as noções de perfectividade e imperfectividade. Posteriormente, Smith (1997) uniu os dois estudos – o de Vendler (1967) e o de Comrie (1976) – apresentando outras noções, como *viewpoint* (ponto de vista) e *situation type* (tipo de situação). *Viewpoint* (ponto de vista) de Smith (1997) é o aspecto gramatical analisado por Comrie (1976) e *situation type* (tipo de situação) é o aspecto lexical analisado por Vendler (1967), mas a que a autora acrescentou uma classe a mais – o semelfactivo.



O mandarim, justamente, aproveita o aspecto lexical e o gramatical para apresentar o aspecto. O aspecto gramatical é indicado por marcadores aspectuais. Neste trabalho, os marcadores imperfectivos têm um destaque maior, principalmente o progressivo e o resultativo, porque são os que serviram para compor o capítulo 3. Em relação ao aspecto lexical, são analisados os traços temporais atribuídos por Smith (1997). Por meio disso, percebe-se o porquê dos marcadores imperfectivos combinarem com a atividade sem restrição e com as outras três classes (estado, *accomplishment* e *achievement*) com restrição.

A partir da classe acrescentada por Smith (1997), que constitui o capítulo 3, serão discutidos nesse capítulo, imprescindivelmente, como os autores tratam o semelfactivo e que denotação esta subclasse apresenta com os dois marcadores imperfectivos, baseando-se nos autores como Smith (1997), Rothstein (2004) e Bertinetto & Dini (2006). Com tudo isso, espera-se atingir o objetivo central deste trabalho: argumentar sobre a inexistência da classe semelfactiva, citando exemplos do mandarim.

# 1 SISTEMA TEMPO-ASPECTUAL DO MANDARIM

## 1.1 INTRODUÇÃO

Este primeiro capítulo apresenta informações gerais sobre o mandarim, com um amplo destaque para o sistema tempo-aspectual dessa língua. Com isso, pretendo fornecer um *background* para a discussão do capítulo 3. O ponto de partida deste trabalho é ajudar professores de mandarim e aprendizes estrangeiros, em especial falantes de português, a compreender duas partículas desta língua falada na China, denominadas marcadores imperfectivos: uma delas denota o estado resultativo, o *-zhe*, e a outra o progressivo, o *-zai*. Na tentativa de oferecer uma definição mais clara possível a elas, foram consultados não apenas a gramática, mas também trabalhos linguísticos. Além disso, contribuí com a minha experiência de falante e de professora. A gramática consultada foi de Ma & Ross (2006) e os trabalhos linguísticos foram de Gong (1995) e Smith (1997). Com as definições das partículas oferecidas pela gramática e por Gong (1995), sustento a separação binária de marcador perfectivo e imperfectivo discutida em Smith (1997), sobretudo no seu capítulo 11. Com a intenção de estudar se há uma classe semelfactiva à parte da classe de atividade, utilizando os marcadores imperfectivos, estaborecerei uma explanação rápida dos marcadores perfectivos, a fim de mostrar como eles se apresentam em mandarim.

Quanto à língua que é meu objeto de estudo, vale observar que pertence à família das línguas sino-tibetanas e estima-se que essa família é formada por 400 línguas. Não cabe neste trabalho apresentar todas elas, mas aquelas mais conhecidas e que têm mais falantes. Por haver tantas línguas nessa família, o número de falantes é o segundo maior do mundo, perdendo apenas para as línguas indo-europeias. Essas línguas são tonais, sem flexões verbais e os morfemas são compostos por uma sílaba. Na tabela abaixo, estão exemplos das línguas que fazem parte dessa família:

Línguas sino-tibetanas		Referência geográfica	N.º de falantes
Língua chinesa e seus dialetos	Mandarim	Norte e sudoeste da China, Singapura, Malásia, Taiwan.	885 milhões
	Wu	Zhejiang, sul de Jiangsu, Anhui, Jiangxi e Fujian.	77 milhões
	Xiang	Sudeste e central de Hunnan, Sichuan e norte de Guangxi.	36 milhões
	Gan	Norte e central de Jiangxi, leste de Hunnan, parte de Fujian, Anhui e Hubei.	50 milhões
	Hakka	Leste de Guangdong, Fujian e Jiangxi	34 milhões
	Yue (Cantonês)	Central de Guangdong, Hong Kong, Macau, leste e sul de Guangxi, Hainan e Malásia.	71 milhões
	Min	Fujian, Taiwan, guangdong, Hainan e Zhejiang.	60 milhões
Línguas tibeto-birmanesa	kamarupa	Índia e Bangladesh	10 milhões 300 mil
	himalaio	Tibete, Nepal, Butão e Sikkim.	(o número de falante é desconhecido)
	Qiângico	Sudoeste da China (Sichuan, Tibete e Yunnan)	140 mil
	jingpho-nungi-luico	Yunnan (China), Estado de Kachin (Birmânia) e Tailândia.	900 mil
	lolo-birmano	Birmânia, Tailândia, Laos, Vietnam, Yunnan (China), Sichuan (China), Guizhou (China) e Guangxi (China).	50 mil
	naxi	Yunnan (China) e Tibete	30 mil
	carênico	Birmânia e na fronteira de Tailândia com Birmânia.	60 milhões
	baico	Yunnan (China)	10 milhões

Quadro 1: A distribuição das línguas sino-tibetanas

Das línguas sino-tibetanas, a mais falada é o mandarim, língua oficial dos países como China, Taiwan, Singapura, e uma das seis línguas oficiais das Nações Unidas,

falada por cerca de 885 milhões de pessoas como língua nativa e 120 milhões de pessoas como segunda língua. A língua ou dialeto Wu talvez não seja a mais conhecida mundialmente por ser um dialeto da China continental, mas se observamos os números de falantes, ela ocupa o segundo lugar do ranking. A questão de considerar Wu, Xiang, Gan, Hakka, Yue e Min como línguas chinesas é uma polêmica. Muitos estudiosos apontam esses seis tipos de idiomas como dialeto e não língua, e outros consideram que são línguas por apresentarem suas peculiaridades. O presente trabalho não discutirá essa questão, mas, para facilitar a referência, eu os chamo de dialetos, já que temos o mandarim como língua oficial da China continental e de Taiwan.

A predominância do mandarim sobre as outras é devido ao seu uso pelos agentes oficiais e governadores ainda na época do imperador. Por isso, os comerciantes estrangeiros e o povo viam a necessidade de aprendê-lo para negociação e aos poucos se tornou uma língua em comum, para que os povos de outros dialetos pudessem se comunicar. Não apenas o povo dessas localidades fala o mandarim, como milhares de pessoas o usam no exterior, em países como Estados Unidos da América, Canadá, Austrália, Brasil, etc. Apesar de a China continental tê-lo como língua oficial, há uma gama muito grande de variações.

Como é de conhecimento de muitos, a sua escrita é feita através de ideogramas, isto é, cada caractere representa uma ideia e não a sua fonética. Muitas vezes, um aprendiz se assusta com o grande número de caracteres existentes (cerca de 80 mil), entre os quais 7 mil são mais usados. É importante salientar que muitos ideogramas são combinações de ideogramas básicos, como pode ser observado no exemplo a seguir:

<b>Ideograma</b>	男 <sup>3</sup>	=	田	+	力
<b>Pronúncia</b>	nán <sup>4</sup>		tián		lì
<b>Significado em português</b>	“Homem/masculino”		“Campo/plantação de arroz”		“Força”

O ideograma “homem/masculino” é composto por dois ideogramas básicos, que são “campo/plantação de arroz” e “força”. O que se vê na figura de homem na sociedade chinesa é aquele que é mais indicado para trabalhar no campo ou na plantação de arroz, já que este é o principal alimento. O trabalho no campo exige muita força, por isso um homem/masculino é aquele que tem força para trabalhar na plantação de arroz.

Citando outro exemplo de formação de ideogramas, temos:

<b>Ideograma</b>	好 <sup>5</sup>	=	女	+	子
<b>Pronúncia</b>	hǎo		nǚ		zǐ
<b>Significado em português</b>	“Bom/boa”		“Mulher/feminino”		“Criança/filho”

O adjetivo “bom/boa” em mandarim tem como ideograma básico “mulher/feminino” e “criança/filho”, isto é, quando uma mulher casada engravida do seu marido é uma coisa boa, feliz e alegre para a sua família, por isso esse ideograma é formado pelo ideograma de “mulher/feminino” e de “criança/filho”.

<sup>3</sup> ZHANG, P. P. **Three sinogram versese on radical**. Beijing: Language University of Beijing. 2006

<sup>4</sup> Os acentos que aparecem nas vogais são os tons, totalizando cinco tons em mandarim.

<sup>5</sup> ZHANG, P. P.. **Three sinogram versese on radical**. Beijing: Language University of Beijing. 2006

A escrita romanizada, chamada de *pinyin* nos materiais didáticos, teve início em 1958, e foi uma tentativa de o governo chinês substituir os ideogramas. Porém, isso causou uma outra grande discussão no meio acadêmico, pois essa substituição traria a perda de sua história milenar, já que a grande maioria deles são pictogramas, isto é, os homens antigos registravam algum fenômeno natural ou acontecimento como ele se apresentava. Com a evolução da escrita dos ideogramas, eles vêm tendo mudanças, mas ainda é possível explicar a sua história olhando para os traços históricos neles conservados. Apesar de que naquela época a substituição do ideograma pelo *pinyin* não teve sucesso, o gesto unificou a transcrição fonética das suas pronúncias, pois até então se usava outro sistema fonético (ainda utilizado em Taiwan e não mais na China continental). Essa unificação é extremamente útil para auxiliar os alunos estrangeiros na aprendizagem da língua.

Como a escrita romanizada não foi oficializada para substituir os ideogramas na China continental, há a necessidade de apresentá-los. Na primeira linha de cada exemplo neste trabalho, coloco os ideogramas; na segunda linha, há a transcrição fonética; na terceira linha, há a tradução literal e na última linha, há uma explicação do sentido. Ao explicar os exemplos citados, coloco apenas *pinyin* (a fonética dos ideogramas) e o seu significado equivalente em PB, para facilitar a leitura.

Mandarim é uma língua sem artigo (como o polonês), mas tem uma classe gramatical chamada **classificador**<sup>6</sup>. Nos casos em que há necessidade de ter artigo definido, o **numeral + classificador** exerce essa função. Além do numeral, os **pronomes demonstrativos + classificador** também exercem a função do artigo definido.

Em relação à ordem, o mandarim é uma língua SVO fixa (sujeito/verbo/objeto). Devido a não marcação morfológica de caso, a presença do sujeito da sentença é imprescindível, porque os verbos não apresentam flexão verbal.

---

<sup>6</sup> Foi apresentado brevemente sobre isso na nota de rodapé 12, página 19.

Isso faz com que categorias como pessoa, número, modo, etc. não se apresentem morfologicamente no verbo. Como já foi dito anteriormente, cada ideia se apresenta no ideograma de forma fixa, sem nenhuma possibilidade de alteração. Já a presença do objeto, para os verbos transitivos na sentença, também é necessária. Dois exemplos, a seguir, ilustram a impossibilidade de omitir o sujeito da sentença:

(1) a. Comemos maçãs.

b.	我	们	吃	苹 果。
	Wǒ	men <sup>7</sup>	chī	píng guǒ
	Eu	men <sub>plural</sub>	comer	maçã(s)

“Nós comemos maçãs.”

O que se observa no exemplo (1a) do português é que podemos ter a ausência do sujeito sintático, mas não é por isso que valores como **pessoa** e **número** deixam de existir, pois eles são recuperáveis a partir do verbo flexionado – *comemos*, em que o morfema *-mos* indica a primeira pessoa do plural. A ausência do sujeito nunca acontecerá numa sentença declarativa ou narrativa em mandarim, porque a pessoa e o número são apresentados pelo sujeito da sentença, isto é, como *wǒ men* (nós), em (1b). E o verbo, de modo geral, expressa a ação realizada (por isso que os verbos em mandarim traduzidos para português aparecerão, na tradução palavra por palavra, todos no infinitivo).

E por último, o que se pode analisar ainda a partir do exemplo (1) é que os substantivos, em geral, são subespecificados para número, no sentido de que quando

---

<sup>7</sup> O plural em mandarim é expresso pelo elemento *men*, que indica mais de um. É importante ainda ressaltar que esse elemento somente se aplica para seres humanos, ou seja, *nós*, *vocês*, *ele(a)s*, *professores*, *amigos*, *homens*, *mulheres*, etc. Nunca se aplica para animais ou objetos. Em outras palavras, em mandarim, para se dizer mais de um cachorro seria “um bando de cachorros, um bando de bois”, etc., não se aplicando o elemento *men*.

ele não vem acompanhado de números ou de advérbios, como *pouco*, *muito*, *monte*, etc., pode indicar singular e ao mesmo tempo plural.

## 1.2 UMA DESCRIÇÃO DO SISTEMA TEMPO-ASPECTUAL DO MANDARIM

Como as demais línguas, o mandarim<sup>8</sup> toma o momento da fala com ponto de referência para definir o tempo do acontecimento. Assim, temos o **passado**, o acontecimento que precede o momento da fala; o **presente**, o acontecimento que coincide com o momento de fala; e o **futuro**, o acontecimento que ocorre depois do momento da fala. Apesar de as línguas indo-europeias e o mandarim estabelecerem esses três tempos, apresentam-se de maneira diferente. Basicamente, em mandarim, utilizam-se os advérbios e as expressões de tempo para diferenciá-los. Essa diferença é mostrada nos exemplos abaixo:

	Inglês	Mandarim			
Tempo verbal – passado	I spoke	他	昨天	走	的。
		Tā	zuó tiān	zǒu	de
		Ele	ontem	andar/ir	de
		Ele foi embora ontem.			
Tempo verbal – presente	I speak	我	现在	休息。	
		Wǒ	xiàn zài	xiū xi	
		Eu	agora	descansar.	
		Estou descansando agora.			

<sup>8</sup> No decorrer deste trabalho, usarei a palavra *mandarin* para indicar a língua que está sendo estudada e evitarei o uso da palavra *chinês* ou *chinesa*, para não causar nenhuma confusão. Alguns linguistas consideram o cantonês também como língua chinesa (o cantonês é Yue apresentado no quadro 1, página 7).



Tempo verbal – futuro	I am going to speak	他	明 天	才	走。
		Tā	míng tiān	cái	zǒu
		Ele	amanhã		andar/ir
		Ele irá embora amanhã.			

Quadro 2: Quadro comparativo do tempo verbal entre inglês e mandarim

No mandarim, por ser uma língua sem tempo verbal, o momento em que alguma ação ocorre não é expresso pela flexão verbal, como mostra o quadro 2 acima, diferentemente do inglês e do português que contam com a flexão verbal para indicar o tempo verbal (*tense*). O que marca o tempo e o tempo verbal são advérbios e expressões de tempo, no mandarim. Nos casos em que há presença das partículas ou marcadores aspectuais, colocar ou não os advérbios e as expressões de tempo se torna opcional.

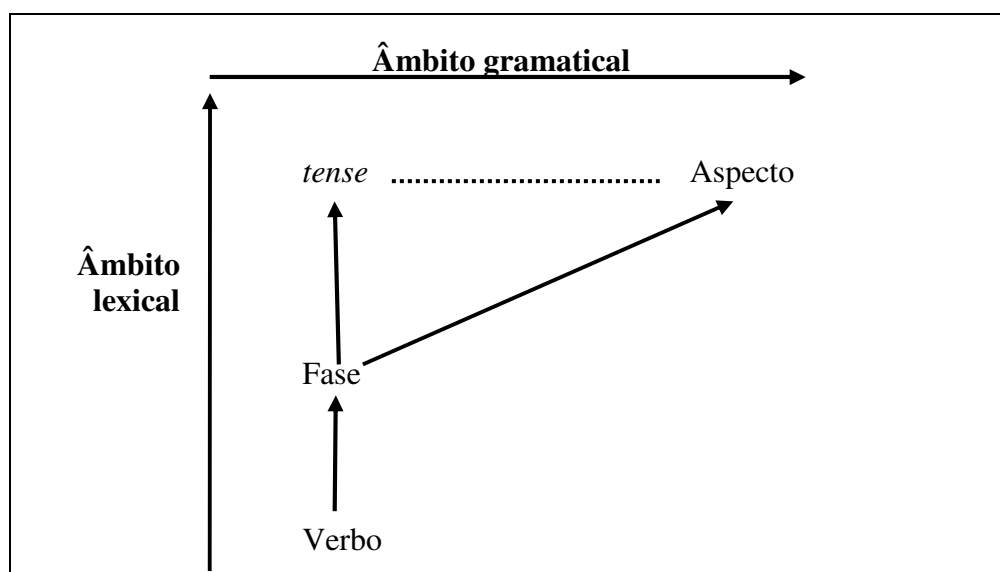
Em relação à importância desses marcadores, Comrie (1976, p. 128) observa que “Chinese (Mandarin) has a number of verbal suffixes with aspectual, or combined aspectual and temporal, value”. Ainda, Smith (1997, p. 263) considera, em relação ao mandarim,:

There is a class of verbal complement suffixes which plays a role in both components of the aspectual system. The suffixes convey viewpoint and/or situation aspect, depending on individual forms and syntactic context.

Como admitem os dois autores, o mandarim utiliza os sufixos verbais, que possuem valor aspectual, para expressar *viewpoint* (Smith, 1997). Dessa forma, para identificar se uma situação é perfectiva ou imperfectiva, precisamos identificar a presença desses marcadores. Nas situações perfectivas, os marcadores *-le* e *-guo* seguirão os verbos e, nas situações imperfectivas, o marcador *zai-* aparece precedendo

o verbo e o *-zhe* seguindo o verbo. Já segundo Gong (1995), o sistema tempo-aspectual do mandarim é formado por três partes: **fase**<sup>9</sup>, **tempo verbal** e **aspecto**.

A fase, que apresenta os traços temporais intrínsecos de uma sentença, é determinada principalmente pela semântica do verbo (Gong, 1995:4). O tempo verbal indica o tempo em que algo ou o que denota a sentença ocorreu, indica na linha do tempo o momento da fala, o momento do acontecimento e o momento de referência (GONG, 1995, p. 4). O aspecto, para Gong, aprofunda a análise do interior de cada situação, apresentando o seu desenvolvimento ou o seu resultado. Com essas três partes, é possível estabelecer dois quadros comparativos entre o mandarim e as línguas indo-europeias.



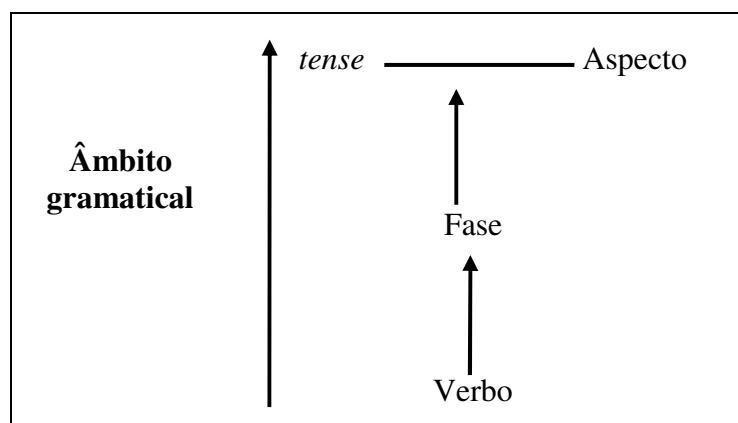
Quadro 3: Sistema aspecto-temporal do mandarim<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Gong (1995), na sua obra, colocou *phase*, que, no entendimento de Smith, seriam valores semânticos dos verbos, e por ser leal ao autor, não mudei para o que Smith chamaria de *situation type* (tipo de situação) ou a acionalidade de Bertinetto. Porém, como estou seguindo o pensamento e o estudo de Smith, na continuidade do trabalho usarei o termo *situation type* (tipo de situação) ao invés de *phase* (fase).

<sup>10</sup> O quadro foi apresentado em mandarim por Gong, 1995, p. 4.

O quadro 3 mostra como o sistema tempo-aspectual é formado em mandarim. Observa-se na linha vertical o âmbito lexical, em que prevalece a estrutura interna dos verbos. Assim, se há **fase** – constituída pelo valor semântico dos verbos, esse valor auxilia na combinação com os marcadores aspectuais para indicar (im)perfectividade em mandarim, porque na língua em questão nem todos os marcadores se combinam com verbos de todas as classes aspectuais. Os marcadores imperfectivos não combinam com os estativos, por exemplo. A partir da combinação da fase com os marcadores ou com advérbios de tempo, se dá o **tempo verbal** e o **aspecto**. No âmbito gramatical, a relação entre **tempo verbal** e **aspecto**, muitas vezes, é desnecessária. Em outras palavras, em mandarim, para estudar aspecto não se depende do tempo verbal, e isso é representado pela linha pontuada.

No quadro 4 a seguir, percebe-se como se constitui o sistema tempo-aspectual de línguas indo-europeias, em que o tempo verbal e o aspecto têm uma forte ligação, devido à flexão verbal que elas possuem no âmbito gramatical, por isso, a linha que liga o tempo verbal e aspecto é contínua. Isso significa que a relação entre tempo verbal e aspecto nas línguas indo-europeias é mais forte do que em mandarim.



Quadro 4: Sistema aspecto-temporal das línguas indo-europeias<sup>11</sup>

<sup>11</sup> O quadro é de Gong (1995), inicialmente elaborado em mandarim, sobre as línguas indo-europeias confrontando com o sistema aspecto-temporal do mandarim.

Como o objetivo deste trabalho é estudar os marcadores imperfectivos, *zai-* e *-zhe* e sua relação com o semelfactivo, e também por limitação de tempo/espço, opto por seguir Smith para apresentar dois marcadores perfectivos, *-le* e *-guo*, de forma superficial, e dois marcadores imperfectivos, *zai-* e *-zhe*, de maneira mais aprofundada, servindo de base para a análise do capítulo 3.

## 1.2.1 Os marcadores perfectivos e imperfectivos

### 1.2.1.1 Os marcadores perfectivos

Nesta subsecção, apresento os marcadores aspectuais, que podem ser confundidos um pouco com os pares aspectuais que há no polonês. Nesta língua, a (im)perfectividade também se apresenta por meio de afixos verbais, que não seguem alguma regra para se agrupar com os verbos. Ou seja, cada verbo tem a sua forma de apresentar (im)perfectividade e não há apenas dois ou três afixos para marcá-la. Exemplificando os pares aspectuais em polonês, cito dados oferecidos por Nadalin (2005) do verbo *escrever*. Um verbo como *escrever* pode ter a forma *pisać* (perfectivo) e *napisać* (imperfectivo). Nadalin observa que em *napisać* temos um prefixo *na-*, que marca a imperfectividade do verbo, mas esse prefixo não se aplica em todos os processos em que se transforma um verbo perfectivo em imperfectivo, pois há outros 18 prefixos que têm a mesma função na língua.

Os sufixos verbais do mandarim funcionam de maneira diferente. Há, inclusive, certa variação de sua denominação, alguns os chamam de partículas, outros, de sufixos<sup>12</sup>. Gong (1995), na sua obra, não se preocupou em separar esses marcadores,

---

<sup>12</sup> Se fôssemos um pouco mais exigentes com os nomes e suas funções gramaticais, há que se observar que o marcador aspectual *zai-* precede o verbo e não o sucede. E na literatura, os afixos que precedem o verbo são chamados de prefixos e não sufixos. Por esse motivo, durante o presente trabalho, chamo esses quatro marcadores de afixos e não apenas sufixos, por consideração ao marcador *zai-*.

nomeando *-le*, *-guo* e *-zhe* como aspectualizador<sup>13</sup> e *zai-* como advérbio de tempo, já que este é um elemento fundamental e imprescindível para indicar o progressivo do evento. Dessa forma, Gong (1995) sugere uma ordem gramatical envolvendo os marcadores:

**{[advérbio + (<verbo> + aspectualizador)] + complemento}<sup>14</sup>**

Com essa ordem gramatical, segundo Gong (1995), é possível perceber que o autor não considera esses quatro marcadores como sufixos e nem afixos. Todavia, para unificar a nomenclatura neste trabalho, uso os nomes dados por Smith (1997) ao denominar *-le* e *-guo* como *perfective viewpoint*, ou marcador perfectivo, e *zai-* e *-zhe* como *imperfective viewpoint*, ou marcadores imperfectivos.

Os dois marcadores perfectivos mencionados neste trabalho tiveram grandes transformações. Na época da dinastia Han (206 a.C. até 220 d.C.), o marcador *-le* era um verbo que indicava o final ou término do evento. Mais tarde, aplicando-se depois de verbo + complemento servia como um complemento resultativo, indicando a completude da ação. Com a popularização desse uso, *-le* foi cada vez mais tornando-se abstrato até se transformar em um aspectualizador. Já sua posição na sentença (verbo + complemento + *le*) se ampliou para verbo + *le* + complemento. Apesar dessa alteração de posição, a sua função continua a mesma: indicar a realização ou o término (desnecessariamente não é ser completo) de uma ação. Exemplificando a ideia de que *-le* indica realização ou término de uma ação, temos o exemplo abaixo:

---

<sup>13</sup> No entendimento de Gong (1995), o aspectualizador é necessário numa sentença para expressar o aspecto, isto é, independentemente da sentença ter advérbios temporais para denotar aspecto ou não, o aspecto está presente por causa dos marcadores *-le*, *-guo* e *-zhe*.

<sup>14</sup> Gong, Qian Yen. **Hanyu de shixiang shizhi shitai**. Beijing: ShangWu. 1995. p. 52

(2) a.	他	吃	了	苹 果。
	Tā	chī	le	píng guǒ
	Ele	comer	le <sub>realiz.</sub>	maçã(s)
	“Ele comeu maçã(s).”			

O marcador *-le* indica que a ação de *comer* foi realizada e terminada. E como os nomes em mandarim são não especificados para número, não há indicação da quantidade de maçãs comidas, ou seja, não se sabe se a(s) maçã(s) foram consumidas por completo ou apenas algumas mordidas. Mesmo tendo a indicação das quantidades, é difícil saber se foi/ram consumida(s) por completo. Já o outro marcador perfectivo, *-gu*, oferece uma informação a mais.

Como o marcador *-le*, o marcador *-guo* também foi um verbo que indicava *atravessar*, o ato de ir de um lugar a outro. Mais tarde, ele serviu de complemento resultativo que indicava a completude, até chegar a um nível de abstração em que passou a expressar uma experiência. Repetindo o exemplo (2a), substituindo *-le* por *-guo*, temos:

(2) b.	他	吃	过	苹 果。
	Tā	chī	guò	píng guǒ
	Ele	comer	guo <sub>exper.</sub>	maçã(s)
	“Ele teve a experiência de comer maçã(s).”			

c.	他	吃	过	三	个	苹 果。
	Tā	chī	guò	sān	ge	píng guǒ
	Ele	comer	guo <sub>exper.</sub>	três	ge <sub>class.</sub> <sup>15</sup>	maçã(s)
	“Ele teve a experiência de comer três maçãs.”					

<sup>15</sup> O subscrito *class.* indica o classificador, uma classe gramatical do mandarim, que só se aplica quando há números e pronomes determinantes. A sua ordem é numeral/ pronome determinante + classificador + substantivo. Todos os substantivos têm seu próprio classificador.

Em (2b), temos o marcador *-guo* expressando a perfectividade do evento de comer. Igualmente ao *-le*, não se sabe se a maçã foi consumida por completo, pois o marcador indica que a ação de *comer* foi realizada. O que difere (2c) de (2b) é que em (2c), temos quantidade, *três maçãs*, determinando a completude, isto é, para que ele tenha a experiência de comer três maçãs, a condição obrigatória é ter terminado de comer as três maçãs e os caroços são o que sobram delas, caso contrário, a sentença (2c) não seria verdadeira.

A ideia é de realização do evento, mas não indica a completude. Isso pode ser melhor ilustrado com o exemplo que tem localidade como complemento, como em (3).

(3) a.	他	去	了	中 国。
	Tā	qù	le	zhōng guó
	Ele	ir	le <sub>realiz.</sub>	China
	“Ele foi para China.”			

b.	他	去	过	中 国。
	Tā	qù	guò	zhōng guó
	Ele	ir	guo <sub>experi.</sub>	China
	“Ele esteve na China.” (Ele teve a experiência de ir para China).			

O que se vê em (3b) é o evento de *qù* (*ir*) realizado e completado, ou seja, ele pisou no território chinês e retornou de lá, percurso exigido para se dizer que ele teve a experiência de ir para China. Todavia, esse percurso não é exigido quando temos uma sentença como (3a), em que o marcador *-le* indica que o evento de *ir* foi realizado, mas que não se sabe se ele continua na China ou já retornou. Por isso, Smith (1997, p. 71) define que o marcador *-guo* “*extends beyond the final endpoint of a situation*”.

A distinção entre *-guo* e *-le* em mandarim é semelhante à diferença entre pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito do PB. O pretérito perfeito descreve

uma ação praticada em certo momento do passado. E o pretérito mais-que-perfeito descreve uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada. Essa diferença é apresentada no exemplo (4):

(4) a.

他	打	断	了	他的	腿。
Tā	dǎ	duàn	le	tā de	tuǐ
Ele	bater	quebrar	le <sub>realiz.</sub>	dele	perna

“Ele quebrou a perna dele.” (é possível que ainda esteja machucado)

b.

他	打	断	过	他的	腿。
Tā	dǎ	duàn	guò	tā de	tuǐ
Ele	bater	quebrar	guo <sub>experi.</sub>	dele	perna

“Ele havia quebrado a perna dele.” (mas agora está curado)

A informação oferecida pelo exemplo (4) é a de que ele quebrou a perna, mas (4a) implica que a perna dele pode ainda estar engessada, por ter o marcador *-le* indicando a realização da ação *bater/quebrar*. Já (4b) nos dá outra implicação: a de que a pessoa teve a experiência de quebrar a perna e que agora não está mais engessada, isto é, a perna já está curada. Por isso, Smith (1996) atribui ao marcador *-guo* a característica de “*discontinuity with the present*”. Isso significa que qualquer evento acompanhado do marcador *-guo* se completou quando o evento se realizou. Isso faz com que o evento não se prolongue até o presente, como mostra o exemplo (4b). O marcador *-le* não possui essa característica, por isso é possível a implicação de que o evento pode não estar completado, mas isso não afeta a realização da ação.

Ainda em relação ao marcador *-guo*, ressalto que ele não se aplica para os eventos irreversíveis, aqueles que são impossíveis de ter repetições, como é o caso de *nascer* e *morrer*. No exemplo com o verbo *morrer* a seguir se nota isso:



- (5) a. \* 

张 三	死	过。
Zhāng sān	sǐ	guò
Zhang San	morrer	guo <sub>experi.</sub>

  
 “Zhang San esteve morto.” (mas agora está vivo novamente)

- b. 

张 三	死	了。
Zhāng Sān	sǐ	le
Zhang San	morrer	le <sub>reali.</sub>

  
 “Zhang San morreu.”

Em outras palavras, pragmaticamente, é impossível afirmar que alguém teve a experiência de passar de *viver* para *morrer* e depois *viver* novamente. São raros os casos em que alguém percorre o trajeto de *viver* para *morrer* e *reviver* para dizer que teve a experiência de *morrer*, como em (5a). O que os falantes nativos entendem dos eventos com *-guo* é que eles podem ser repetidos no futuro e não aquele que ocorreu uma vez e não pode ocorrer novamente. Observamos isso em (5b), em que temos o evento *si* (*morrer*) realizado, indicado pelo marcador *-le*. Esse marcador não denota que o evento seja repetido, por isso se aplica para os verbos irreversíveis. O mesmo raciocínio se aplica para o verbo *nascer*, ou seja, pragmaticamente, ninguém passou pelo trajeto de *não nascer* para *nascer* e depois *não nascer*, para afirmar que teve a experiência de *nascer* em mandarim.

Dessa forma, com os dados apresentados acima, é possível estabelecer algumas diferenças entre *-le* e *-guo*:

- a) O marcador *-guo* exige que o evento seja completado, enquanto *-le* não tem essa exigência.
- b) Quando o complemento verbal é uma localidade ou complemento quantificado, *-guo* se

aplica apenas aos eventos em que o trajeto é percorrido, enquanto *-le* exige que o evento seja realizado.

- c) Quanto aos eventos reversíveis, isto é, aqueles que podem acontecer repetidamente, tanto *-guo* quanto *-le* são aplicáveis. Nos eventos irreversíveis, apenas *-le* é aplicável.

Quadro 5: Critérios para utilização de *-le* e *-guo*

Eis, portanto, as três condições para distinguir os dois marcadores perfectivos. Apesar de ser uma explanação rápida, o que foi apresentado sobre eles são as informações essenciais para entender como funcionam em mandarim. Obviamente, não apenas esses dois marcadores denotam a perfectividade nessa língua, advérbios como *céng jīng* (indica algo que de fato ocorreu no passado remoto) e *yǐ jīng* (indica algo que já ocorreu recente) também marcam a perfectividade.

#### 1.2.1.2 Os marcadores imperfectivos

Semelhante aos marcadores perfectivos, os dois marcadores imperfectivos, *zai-* e *-zhe*, passaram por um processo de gramaticalização, perdendo o papel de verbo e passando a indicar aspecto.

Na gramática moderna do mandarim, *zai-* desempenha duas funções gramaticais: uma de preposição, denotando espaço, e outra de marcador aspectual. O uso de *zai-* como preposição, denotando lugar, iniciou-se nos tempos remotos da China. Os primeiros registros de sua presença foi no Livro de Ode, aproximadamente 200 a.C. O uso de *zai-* como marcador aspectual, denotando tempo, é denominado por Gong (1995) como advérbio aspectualizador. Vale salientar que os advérbios aspectualizadores vieram dos advérbios de tempo. Mas como, então, se distingue *zai-* preposição do *zai-* aspectual? Basta lembrar que Gong (1995) contribuiu com uma ordem gramatical para se formar sentenças com marcadores aspectuais, repetida aqui:

{[advérbio + (<verbo> + aspectualizador)] + complemento}

Quando temos um verbo sucedendo o advérbio, o marcador *zai-*, temos uma estrutura aspectual. Se no lugar do verbo houver um substantivo, mais especificamente um nome indicativo de localidade, temos uma preposição. Em outras palavras, quando temos algo semelhante a:

- (6) 

张 三	在	公 园。
Zhāng sān	zài	gōng yuán
Zhang San	em	parque

  
“Zhang San está no parque.”

A sentença (6) é verdadeira na condição em que *zai-* denota exclusivamente o espaço, exercendo a função gramatical de preposição, porque está seguido por um substantivo, ou seja, o nome de uma localidade – *parque*. Tanto para falante nativo quanto para aprendiz estrangeiro, não há erro em interpretar que *Zhang San está no parque*. Todavia, se tivéssemos algo como (7) a interpretação é distinta:

- (7) 

他	在	公 园	散 步。
Tā	zài	gōng yuán	sàn bù
Ele	em	parque	passar.

  
“Ele passeia no parque.”

O que sucede *zai-*, no exemplo (7), é o substantivo *parque*, que faz com que *zai-* se apresente, nessa sentença, como preposição ao invés de um marcador aspectual, significando *em*, idêntico ao exemplo (6). Contudo, para alguns falantes, a sentença pode ser verdadeira nas duas interpretações em PB: uma é *ele passeia no parque* (leitura habitual) e outra, *ele está passeando no parque*. O que acontece é que nem sempre a segunda interpretação, isto é, o fato de o momento da fala coincidir com o

momento de acontecimento, é garantida com *zai*-+ *localidade*. Isso porque, aos falantes nativos a interpretação predominante é ainda aquela apresentada no exemplo (7). Para assegurar a interpretação *ele está passeando no parque*, o elemento *zheng* (*nesse momento*) é acrescentado precedendo a preposição *zai*-, assim temos:

(8)	他	正	在	公 园	散 步。
	Tā	zhèng	zài	gōng yuán	sàn bù
	Ele	justamente	em/estar	parque	passear.
“Ele está passeando no parque.”					

Com o elemento *zheng* (*nesse momento*), em mandarim, garante-se a leitura na qual o momento da fala coincide com o momento do acontecimento, formando o progressivo na estrutura *preposição + localidade*. Sem esse elemento, não se garante que os falantes nativos a interpretem como *ele está passeando no parque*, como mostra (8).

Quando precedendo um verbo, segundo a definição dos gramáticos, o marcador *zai*- representa o papel de “*indicate ongoing actions*” (Ross & Ma, 2006, p. 216). Ou seja, quando aparece precedendo o verbo, o evento está em andamento. Assim, define Smith (1997) que “*Zai S presents an internal interval of a dynamic situation S that includes neither I nor F; and that does not precede I nor follow F*<sup>16</sup>.” (SMITH, 1997, p. 273)

O marcador *zai*- apresenta o intervalo de uma situação dinâmica, a qual não inclui pontos iniciais e finais. Dessa forma, temos:

(9)	约 翰	在	读	中 文。
	Yuē hàn	zài	dú	zhōng wén
	João	zai prog.	estudar	chinês

<sup>16</sup> Segundo Smith (1997), a sigla S é situação, I é ponto inicial e F é ponto final.

“João está estudando chinês.”

O verbo do exemplo (9), *dú* (*estudar*), apresenta uma situação dinâmica, que não inclui ponto inicial nem final intrínsecos ou telicidade (Krifka, 1998) determinada pelo complemento. Dessa forma, o marcador *zai-* pode estar presente para indicar o progressivo da ação de *estudar*. Essa é a função desse marcador em mandarim. Sem ele ou advérbios de tempo, a sentença é apenas uma narração, que, em mandarim, no processo tradutório, é verdadeira quando se usa o presente do indicativo. Compare essa diferença com os exemplos abaixo:

- (10) a. 

王太太	的	儿子	在	写	作业。
Wáng tài tai	de <sup>17</sup>	ér zi	zài	xiě	zuò yè
Wang senhora	de <sub>posse.</sub>	filho	zai <sub>prog.</sub>	escrever	lição de casa

  
“O filho da senhora Wang está fazendo a lição de casa.”

- b. 

王太太	的	儿子	写	作业。
Wáng tài tai	de	ér zi	xiě	zuò yè
Wang senhora	de <sub>posse.</sub>	filho	escrever	lição de casa

  
“O filho da senhora Wang faz a lição de casa.”

No exemplo (10a), temos o evento *xiě zuò yè* (*fazer lição de casa*) em andamento, isto é, a sentença relata o intervalo em que o filho da senhora Wang está em algum ponto no processo de fazer a lição de casa, desconsiderando o ponto inicial e o final. E em (10b), temos uma sentença sem marcador aspectual e nem tempo verbal, isso corresponde ao presente do indicativo no PB, com a leitura habitual.

---

<sup>17</sup> Quando intercalado entre pronome pessoal e substantivos, do tipo: *wǒ* (eu) *de bà ba* (papai) indica a posse e significa: *meu pai*. Quando aparece intercalado entre dois substantivos como no exemplo (9), *wáng tài tai* (senhora Wang) *de ér zi* (filho), o substantivo que precede *de* é o possuidor e o que sucede é possuído, isto é, o filho da senhora Wang e não o contrário.

Com a definição de Smith (1997) e dados apresentados acima, percebemos que há alguns critérios para que *zai-* indique um evento em andamento:

- a) **Zai-** precisa estar junto com uma eventualidade dinâmica, sem essa condição principal, o marcador é inaplicável.
- b) Essa situação dinâmica não inclui ponto inicial nem final.

Quadro 6 : Critérios para utilização de *zai-*

Além do marcador imperfeito *zai-*, o presente trabalho abordará outro marcador imperfeito, o *-zhe*. O marcador *zai-*, como vimos, tem a função de indicar o progressivo dos eventos, se o evento tiver dinamicidade, como afirmam Yang & Bateman<sup>18</sup>. Para esses autores, o marcador *-zhe* é de duração não marcada, ou seja, indica a continuidade da situação ou o resultativo da situação. A distinção entre a continuidade ou o resultativo da situação dependerá do contexto em que aparece. Gramáticos como Ross & Ma (2006) afirmam que a partícula *-zhe* enfatiza também o progressivo, quando tiver um verbo de atividade, ou o resultativo, quando o verbo requer mudança de estado.

*-Zhe*, como outros operadores aspectuais, era um verbo e significava “*vestir*” ou “*depende*”. Até a dinastia Tang (618-907), ele sucedia o *verbo + complemento*, apresentando o resultado e, nesse uso, tem o significado de “*estar*”/“*atingir*”. Depois da dinastia Tang, passou a ser mais abstrato, indicando a continuidade. Já a função de indicar a progressividade ganhou projeção na dinastia Song (960-1206) e Yuan (1279-1368).

Uma sentença como *ele está falando*, em mandarim, além de poder se apresentar com a partícula *zai-*, é possível também incluir o marcador *-zhe*. Em outras

---

<sup>18</sup> A referência consultada não foi publicada, mas se encontra no site:

[HTTP://www.aclweb.org/anthology/c/c02/c02-1031.pdf](http://www.aclweb.org/anthology/c/c02/c02-1031.pdf)

palavras, *ele está falando* é verdadeira em (11a) e (11b), como mostra o exemplo a seguir:

- (11) a. 

他	在	说	话。
Tā	zài	shuō	huà
Ele	zai <sub>prog.</sub>	falar	língua.

  
“Ele está falando.”
- b. 

他	在	说	着	话	呢。
Tā	zài	shuō	zhe	huà	ne
Ele	zai <sub>prog.</sub>	falar	zhe <sub>result.</sub>	língua	ne <sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> A partícula *ne* sufixada no final da sentença, originalmente exerce a função de estruturar a pergunta, como mostra o diálogo abaixo:

A: 

我	是	中	国	人。	你	呢?
Wǒ	shì	zhōng	guó	rén	nǐ	ne
Eu	ser	China		pessoa	você	ne

  
“Eu sou chinês, e você?”

B: 

我	是	巴	西	人。
Wǒ	shì	bā	xī	rén
Eu	ser	Brasil		pessoa

  
“Eu sou brasileiro.”

Porém, ela também pode se apresentar coma sentença afirmativa, como mostra o exemplo (11b) acima. Nesse caso, o *ne* não indica perguntas. A sentença é traduzida como se estivesse sem a partícula. Muitas vezes, como a partícula já é muito usada pelos falantes, a falta dela pode causar estranheza para os interlocutores.

Se a sentença em questão não tiver nenhuma *pergunta-qu*, ela é uma afirmativa, diferentemente do exemplo mostrado nessa nota.

谁	在	门	口	站	着	呢?
Shuí	zài	mén	kǒu	zhàn	zhe	ne
Quem	em	porta	boca	de pé	zhe <sub>result.</sub>	ne

“Ele está falando.”

É inevitável observar que no caso de (11b) temos ainda o marcador *zai-*. Presume-se que a ênfase de que *-zhe* indica progressivo ainda é apresentado por *zai-* e não por *-zhe*.

Todavia, para Smith (1997), *-zhe* indica apenas resultativo. Em outras palavras, esse marcador focaliza a leitura estativa do evento. Assim, o marcador *-zhe* não combinaria com os verbos de atividade quando esses indicam o início ou o meio da ação, isso é o que Yang & Bateman chama de resultativo da situação. Mas quando há os verbos de atividade que podem denotar estativo, tais como *guà* (*pendurar*), *bǎi* (*colocar*), *fàng* (*colocar*), *diào* (*pendurar*), etc., o marcador *-zhe* pode ser aplicado para denotar o estado resultativo. O exemplo abaixo ilustra isso:

(12)	墙	上	挂	着	几	张	画儿。
	Qiáng	shàng	guà	zhe	jǐ	zhāng	huàr.
	Parede	cima	pendurar	zhe <sub>result.</sub>	alguns	zhang <sub>class.</sub>	pintura/quadro

“Estão pendurados na parede alguns quadros.”

A sentença (12) seria apenas verdadeira se tivesse no particípio no PB, pois este exprime a conclusão do evento. Dessa forma, o evento em (12) é *guà* (*pendurar*) e está concluído. Já o evento com a presença do marcador *-zhe* indica que os quadros continuam pendurados na parede, ou seja, o evento está concluído, mas o sujeito sintático ou o objeto continuam no estado ou na atividade expressos pelo verbo.

Quando se tem uma sentença simples com apenas um verbo, parece que tanto *zai-* quanto *-zhe* são aplicáveis para verbos de atividade. Porém, quando a sentença vem com dois verbos, um deles deve estar com marcador imperfectivo. Sun (1998) nos

---

“Quem está de pé na porta?”

A sentença acima é uma pergunta devido à palavra *quem* e não pela *ne*.



aponta essa diferença. Nos exemplos, ele diferenciou esses dois marcadores, colocando dois verbos numa mesma sentença, fazendo um deles “carregar” o marcador.

- (13) 

他	穿	着	大 衣	跳 舞。
Tā	chuān	zhe	dà yī	tiào wǔ
Ele	vestir	zhe <sub>result.</sub>	casaco	dançar.

  
 “Ele dança vestindo de casaco.” (o evento *vestir* antecede o evento *dançar*)

- (14) \* 

他	在	穿	大 衣	跳 舞。
Tā	zài	chuān	dà yī	tiào wǔ
Ele	zai <sub>prog.</sub>	vestir	casaco	dançar.

  
 “Ele dança vestindo casaco.” (concomitância dos eventos de *vestir* e *dançar*)

Em ambas as sentenças, temos dois verbos de atividade. A agramaticalidade presente na sentença (14) é causada pelo marcador *zai-*, pois indica apenas o progressivo. Ou seja, não é possível, em mandarim, ter duas ações acontecendo ao mesmo tempo havendo na sentença o marcador *zai-*, pois este tem a função de indicar a concomitância do momento de fala com o momento de acontecimento, mas não desempenha a função de indicar a concomitância de duas eventualidades. Isso, em mandarim, é indicado pelo advérbio *yì biān...yì biān* (*de um lado... por outro...*)<sup>20</sup>. Nesse caso, é plausível ter duas ações acontecendo ao mesmo tempo, porém, quando

20

他	一 边	穿	大 衣	一 边	跳 舞。
Tā	yì biān	chuān	dà yī	yì biān	tiào wǔ
Ele	um lado	vestir	casaco	um lado	dançar

Ele veste casaco de um lado e dança do outro.

Nesse caso, é possível ter as duas ações acontecendo ao mesmo tempo, ou seja, ele está vestindo o casaco e dançando ao mesmo tempo.

há *yì biān...yì biān* (de um lado... por outro...), o uso do marcador *zai-* é inaceitável na língua em questão.

Por outro lado, o marcador *-zhe* tem como função subordinar sentenças. Por causa disso, o exemplo (13) é gramatical. Nesse exemplo, temos a ação *chuān* (vestir) como concluída, mas é prolongada pelo marcador *-zhe*, devendo se entender que ocorreu anteriormente à ação de *tiào wǔ* (dançar). Ou seja, o marcador *-zhe* indica o estado resultante de um evento, e no exemplo (13) é *chuān* (vestir). Dessa forma, se entende que quando ele estava dançando, já tinha vestido o casaco. O estado de *chuān zhe* (estava vestido) funciona como *background* para o evento de *tiào wǔ* (dançar).

Consequentemente, Sun (1998) define que o marcador *-zhe*, além de indicar a imperfectividade em mandarim, ainda serve como *background* na pragmática. Baseando no que foi apresentado sobre este marcador, é possível resumir as informações no quadro a seguir:

- |    |   |
|----|---|
| a) | <b>-Zhe</b> precisa estar junto a um verbo que indica eventualidade dinâmica.       |
| b) | Para as atividades que não têm mudança de estado, o marcador denota progressivo.    |
| c) | Para as atividades que apresentam mudança de estado, o marcador denota resultativo. |

Quadro 7: Critério para utilização de *-zhe*

Com as explicações e os dados apresentados acima, a tabela abaixo mostra a ordem gramatical dos marcadores, sua semântica e seus *viewpoints*.

Nome	Forma	Viewpoint
Realizado	<i>V + le</i>	Perfectivo
Experiência	<i>V + guo</i>	Perfectivo

Progressivo	<i>Zai + V</i>	Imperfectivo
Resultativo	<i>V + zhe</i>	Imperfectivo

Quadro 8: Tabela dos marcadores aspectuais do mandarim

Contudo, não apenas esses quatro marcadores apresentam (im)perfectividade. Advérbios que expressam frequência como *tiān tiān* (*todos os dias*), *cháng cháng* (*frequentemente*), *shí shí kè kè* (*toda hora, todo minuto*), etc., que denotam a habitualidade, a iteratividade e a duração, respectivamente, também marcam a imperfectividade. Vejamos os três advérbios aplicados em uma sentença:

(15)	小 明	天 天	玩	电 脑	游 戏。
	Xiǎo míng	tiān tiān	wán	diàn nǎo	yóu xì
	Xiao Ming	todos os dias (diariamente)	jogar	computador	jogo

“Xiao Ming joga o jogo no computador todos os dias.”

(16)	小 明	常 常	去	阿 姨	家	吃	午 饭。
	Xiǎo míng	cháng cháng	qù	ā yí	jiā	chī	wǔ fàn
	Xiao Ming	frequentemente	ir	tia	casa	comer	almoço

“Xiao Ming vai almoçar na casa da tia frequentemente.”

(17)	小 明	时 时 刻 刻	都	想	回	家。
	Xiǎo míng	shí shí kè kè	dōu	xiǎng	huí	jiā
	Xiao Ming	toda hora todo minuto	ambos/todos	pensar	voltar	casa

“Xiao Ming pensa toda hora/ todo minuto em voltar para casa.”

Em (15), tem-se a habitualidade denotada pelo advérbio *tiān tiān* (*todos os dias*). Em (16), a iteratividade denotada por *cháng cháng* (*frequentemente*), indica que a eventualidade de *comer na casa da tia* ocorre de forma repetida. E por último, em (17),

há duração da eventualidade *pensar em voltar para casa*, isto é, no período em que Xiao Ming estivera fora de casa, ele pensava em voltar para casa todo instante, indicado pelo *shí shí kè kè* (*toda hora e todo minuto*), em mandarim.

### 1.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Recapitulando o que foi apresentado até agora, o sistema tempo-aspectual do mandarim funciona de maneira diferente do português e do polonês. No polonês, para marcar a (im)perfectividade, utilizam-se os afixos verbais. Basicamente, os verbos já vêm com os valores aspectuais gramaticais do léxico. No português, para marcar a (im)perfectividade, o fundamental são as desinências temporais, sem as quais não é possível verificá-la. Em mandarim, segundo Comrie (1976) e Smith (1997), o aspecto (im)perfectivo é marcado com sufixos,. Em posição contrária, Gong (1995) não sustenta a ideia de que esses elementos são sufixos propriamente ditos, pois se for considerado que *zai-* também marca aspectualidade, o uso do termo “sufixo” é incoerente na afirmação de que a (im)perfectividade é marcada por eles. Além disso, a (im)perfectividade em mandarim se dá no nível sentencial e não lexical.

Para facilitar a referência a *-guo*, *-le*, *-zhe* e *zai-*, levando em conta a posição em que aparece *zai-*, opto por usar o termo “marcador”, termo muito utilizado pelos linguistas asiáticos, como Chang (2003) e Pan & Lee (2004) para se referir a eles. De qualquer forma, para evitar a confusão de nomenclaturas, Smith (1997), especificamente no seu capítulo 11, deixa de mencionar os termos “sufixo” ou “afixo” (pois a própria autora define que *zai-* precede os verbos), apenas classificando dois grupos, um da perfectividade, representado pelos marcadores *-le* e *-guo*, e outro da imperfectividade, *zai-* e *-zhe*.

Cada um dos marcadores apresenta a sua (im)perfectividade de maneira diferente. O *-le* marca a perfectividade indicando a realização do evento. O *-guo* indica

a experiência, para se dizer que tem experiência de algo, há de percorrer o trajeto expresso pelo evento. O *zai-* marca a imperfectividade indicando o progressivo do evento. E o *-zhe* indica o estado resultante, ou seja, o resultativo.

Antes de concluir este capítulo, uma informação importante deve dita sobre os advérbios. Como foi apresentado na seção 1.2.1, a ordem gramatical dos marcadores aspectuais, os marcadores *-guo*, *-le* e *-zhe* sucedem o verbo, se encaixando na posição do aspectualizador, designada exclusivamente para eles. Dessa forma, abrem-se possibilidades de ter advérbios de tempo ocupando o lugar dedicado a eles, precedendo o verbo. Evidentemente, não são todos e quaisquer advérbios de tempo que se encaixam nesse lugar. Para os marcadores perfectivos, somente os advérbios que denotam o passado são combináveis com eles, tais como: *zuó tiān* (ontem), *qù nián* (ano passado), *gāng gang* (agora pouco), etc. Para os marcadores imperfectivos, somente o advérbio *xiàn zài* (agora, nesse exato momento) é possível. Outros advérbios que expressam frequência, tais como *cháng cháng* (frequentemente), *tiān tiān* (diariamente), *shí shí* (toda hora), etc., são combináveis com o marcador *-zhe*, e incompatíveis com *zai-*.

Neste capítulo, então, apresentei o sistema tempo-aspectual do mandarim, dando ênfase aos quatro marcadores (im)perfectivos, que são mais mencionados pelos linguistas asiáticos e ocidentais e que são também fundamentais para distinguir o aspecto imperfectivo do perfectivo, já que mandarim é uma língua *tenseless*, isto é, sem as desinências temporais para diferenciar *tense* (tempo verbal). Por isso, há marcadores aspectuais para, de um lado, marcar tempo verbal (*tense*) e, do outro, marcar aspecto. Os marcadores aspectuais que marcam o tempo verbal e o aspecto, grosso modo, são os dois marcadores perfectivos, isto é, *-le* e *-guo*. De um lado, esses dois marcadores marcam aspecto, indicam a realização e a completude da eventualidade e, de outro, servem para marcar o tempo verbal, denotando que a eventualidade se realizou ou se completou no passado, passado este que talvez seja recente ou remoto, mas de qualquer forma, indicam passado em mandarim.

## 2. ASPECTO GRAMATICAL E ASPECTO LEXICAL

### 2.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresento um panorama geral sobre o aspecto e como ele é tratado pelos autores citados nesta seção. A escolha desses autores é motivada pelo objetivo central desta dissertação: **estudar se há a existência da classe semelfactiva à parte da classe das atividades**, usando dados do mandarim. Nesse sentido, o capítulo se inicia distinguindo os dois aspectos: lexical e gramatical. Essa distinção é essencial para entender como o aspecto é estudado nessa língua. Os autores que compõem o quadro panorâmico desse capítulo são Vendler (1967), Smith (1997), Comrie (1976), Gong (1995) e Rothstein (2004).

Para compor o sistema aspecto-temporal do mandarim, como pressupõe Gong (1995) e mostrado no quadro 3 do capítulo 1, cada verbo denota uma fase, que em outros termos é semelhante ao *situation type* (tipo de situação) no estudo de Smith (1997). Partindo da fase, os verbos se combinam com os marcadores aspectuais apresentados no capítulo 1: *-le* e *-guo* para indicar perfectividade e *zai-* e *-zhe* para indicar imperfectividade.

Quando se menciona o aspecto, o trabalho que mais influenciou os meios acadêmicos é o de Vendler (1967) ao delimitar a noção de quatro classes para os verbos: estado, atividade, *accomplishment* e *achievement*. Ao estabelecer essas quatro classes, Vendler (1967) toma como base não somente o verbo, pois em vários momentos faz referência ao predicado como um todo. Mais adiante, Comrie (1976), lança o estudo do aspecto no nível sentencial, classificando sentenças em perfectivas ou imperfectivas. Os trabalhos recentes, como de Gong (1995) e Smith (1997), contribuem para o estudo do aspecto englobando as duas visões – a de Vendler (1967) e a de Comrie (1976), utilizando outras nomenclaturas e ainda estabelecendo diferenças ao atribuir traços temporais para cada uma das classes vendlerianas.

É importante salientar que os traços temporais apresentados por Smith (1997) são essenciais para entender como os marcadores imperfectivos se comportam em cada uma dessas classes. Por esse motivo, a sua obra, sobretudo os capítulos 4 e 11, e a obra de Gong (1995) são essenciais para este capítulo.

O estudo do aspecto, de modo geral, se baseia em dois elementos importantes presentes na sentença, como afirma Smith (1997):

Situation type and viewpoint belong to independent components of the aspectual system, and are signaled differently. Viewpoint is conveyed by a single morpheme; the constellation of a verb and its arguments conveys situation type. (SMITH, 1997, p. 83)

Em relação ao aspecto, ele se divide em gramatical e lexical. O aspecto gramatical, na definição de Smith (1997), é o *viewpoint* (ponto de vista), que diz respeito à forma como o falante focaliza o evento, deixando ou não transparecer seus limites. Nesse sentido, leva em consideração o morfema e a sentença inteira para efetuar a análise. Nesse âmbito de estudo, são usados dois termos – **perfectivo** e **imperfectivo**. Já o aspecto lexical, ou *situation type* (Smith, 1997), analisa a base do verbo, a informação semântica fornecida por ele. Porém, não se restringe apenas aos verbos, pois, em muitos casos, seus complementos também contribuem significativamente (é o caso de distinguir atividade e *accomplishment*, por exemplo). Nesse domínio, já é clássico o trabalho de Vendler (1967), que trata do aspecto lexical separando os verbos em quatro classes – estado, atividade, *accomplishment* e *achievement*. Obviamente essa separação tem a intenção de apenas sugerir como os verbos podem ser usados, como no caso do mandarim, no qual os marcadores imperfectivos *zai-* e *-zhe* não se aplicam para estado nem para *achievement* (isso será mostrado na seção 2.5).

Para demonstrar que o semelfactivo se assemelha à atividade, são importantes as definições dos marcadores imperfectivos atribuídas por alguns linguistas. Mas antes

de entrar em detalhe, veremos como estes fizeram para estabelecer a diferenciação binária do aspecto gramatical.

## 2.2 ASPECTO GRAMATICAL

O aspecto gramatical ou *viewpoint* – ponto de vista (SMITH, 1997) geralmente é indicado morfologicamente, com afixos ou morfemas designadores (SMITH, 1997). O trabalho clássico que engloba o aspecto gramatical é de Comrie (1976). Apesar de não ter usado exatamente esses termos – aspecto gramatical e aspecto lexical – o autor analisa-os de forma clara. Quando se trata do aspecto gramatical, a relevância é para a situação como um todo, analisando se está concluída ou não, classificando-a como **perfectiva** ou **imperfectiva**, respectivamente. Smith (1997) denomina aspecto gramatical como *viewpoint* (ponto de vista), fazendo a distinção entre perfectivo e imperfectivo. No seu trabalho, questionou algumas definições imprecisas para perfectivo, por exemplo, tais como: o perfectivo indica situação de curta duração, descreve uma situação com limite ou indica o curto período de tempo.

A definição atribuída por Comrie (1976) para a perfectividade é de que indica uma situação completa, incluindo começo, meio e fim (COMRIE, 1976, p. 18), seja de longa ou curta duração. Se uma situação apresenta começo, meio e fim, um domínio do todo e fechado, então ela é perfectiva. Outra definição feita por Comrie (1976) é o uso do termo *completed* (completado(a)) para definir a perfectividade, ou seja, é a expressão que veicula a situação completada. O termo “completada” focaliza o fim da situação, embora não enfatize apenas esse fim, ou seja, no perfectivo, o começo e o meio também têm o mesmo valor do fim, pois “*all parts of the situation are presented as a single whole*” (COMRIE, 1976, p.18). Essa explicitação é importante para estabelecer a diferença entre perfectividade e imperfectividade, pois esta não apresenta o fim da eventualidade.



Ainda em relação à perfectividade, vale observar que, para as línguas que usam marcadores para indicá-la, como é o caso do mandarim, a noção de *termination* (terminação) e *completion* (completude) precisa estar clara. Grosso modo, para a atividade, os marcadores indicam a terminação e não a sua completude, já para *accomplishment*, indicam completude. Os dois marcadores perfectivos: *-le* e *-guo*, indicam a terminação para todas as eventualidades não estativas e a de completude é passada pelos outros morfemas<sup>1</sup> (ou palavras) independentes, conhecidos como *resultative verb complements* (RVC) – complemento resultativo verbal (SMITH, 1997, p. 68). A autora classifica-os em dois tipos: estritamente completivos e flexíveis. Os estritamente completivos são do tipo de *huì* (*saber*) e *chēng* (*ser*), etc. Veja os exemplos abaixo.

- (1) a. 

学	会	做	蛋 糕。
Xué	huì	zuò	dào gāo
Aprender	saber	fazer	bolo

  
“Aprender até saber fazer bolo.”
- b. 

变	成	一	位	有	钱	人。
Biàn	chéng	yí	wèi	yǒu	qián	rén
Transformar	ser	um	class.	ter	dinheiro	pessoa.

  
“Transformar-se em uma pessoa com dinheiro.”

Com os dois exemplos anteriores, percebe-se a função que os complementos resultativos estritamente completivos desempenham. A completude em (1a) é apresentada pelo elemento *huì* (*saber*). Antes de chegar à culminância desempenhada por *huì* (*saber*), não se configura a eventualidade *xué huì* (até *saber*), isto é, a pessoa pode aprender a fazer bolo, mas não necessariamente sabe fazer. Em (3b), a

---

<sup>1</sup> Utilizo o termo “morfema” para designar os complementos verbais resultativos, mas eles também podem ser verbos no mandarim. Ou seja, os complementos desse tipo têm duas funções na língua, uma é de verbo, outra de complemento verbal resultativo.

completude é atribuída pelo complemento verbal resultativo *chéng* (até *ser*) e o complemento *yí wèi yǒu qián rén* (uma pessoa com dinheiro). Para os momentos anteriores a ser uma pessoa rica, não é verdadeiro afirmar que a pessoa está com dinheiro. Não será configurada a eventualidade de *ser uma pessoa rica* se não tiver o elemento *chéng* (*ser*).

Além disso, quando tiver RVC estritamente completo, o sujeito é o afetado. Se acrescentássemos um nome próprio, *Zhang San*, por exemplo, para as frases (1a) e (1b), teríamos:

(1)	a'	张	三	学	会	做	蛋糕。
		Zhang San		xué	huì	zuò	dào gāo
		Zhang San		aprender	saber	fazer	bolo
		“Zhang San aprendeu a fazer bolo.”					

b'	张	三	变	成	一	位	有	钱	人。
	Zhang San		biàn	chéng	yí	wèi	yǒu	qián	rén
	Zhang San		transformar	ser	um	class.	ter	dinheiro	pessoa
	“Zhang San transformou-se em uma pessoa com dinheiro.”								

Em ambos os casos *Zhang San* é quem aprendeu e sabe fazer bolo e se transformou em uma pessoa rica.

Os complementos verbais resultativos flexíveis são aqueles que indicam completude do evento, e são: *wán* (terminar, acabar), *hǎo* (bom, pronto), *dào* (chegar), etc. Os exemplos apresentados em (2) ajudam a entender a noção de completude.

(2)	a.	写	完	一	封	信。
		Xiě	wán	yì	fēng	xìn
		Escrever	terminar	um	class.	carta

“Escrever uma carta até terminar a carta.”

b.	做	好	一	个	蛋糕。
	Zuò	hǎo	yí	ge	dàn gāo
	Fazer	pronto	um	class.	bolo.

“Fazer um bolo até o bolo ficar pronto.”

c.	走	到	学 校。
	Zǒu	dào	xué xiào
	Andar/caminhar	chegar	escola

“Anda/caminha até chegar à escola.”

Tanto *wán* (até acabar) como *hǎo* (até ficar pronto) indicam completude. Apenas é possível afirmar que a carta está terminada quando se termina de escrever a carta. Em relação aos momentos anteriores, não é possível fazer tal afirmação. Assim como para (2b), se não tiver um bolo feito, não se pode afirmar que se fez o bolo. O que indica a completude da carta é o elemento *wán* (até acabar) e o que indica a completude da ação de fazer o bolo é o elemento *hǎo* (até pronto). A impressão é que quando há RVC flexível, o afetado é o objeto. Porém, para confirmar isso é necessário um estudo mais direcionado e aprofundado (que não é o foco deste trabalho).

No exemplo (2c), há uma trajetória percorrida até se chegar ao destino: *xué xiào* (escola). No entanto, a completude nesse caso não é indicada pelo destino e sim pelo complemento verbal resultativo, ou seja, *dào* (até chegar).

Mesmo ao se indicar a completude com esses complementos, ainda é possível ter a terminação indicada pelos marcadores perfectivos, pois as duas noções podem estar presentes na sentença simultaneamente. Para Smith (1997), complemento verbal resultativo está intimamente ligado ao aspecto perfectivo, pois quando há complemento verbal resultativo não é possível negar a sentença. Ou seja, quando se

inicia o evento, ele se desenvolve em direção ao fim, de maneira ininterrupta, caso contrário a eventualidade não se configura.

Em relação ao aspecto imperfectivo, Comrie (1976) apontou duas subclasses que o formam: o habitual e o progressivo. Para definir a habitualidade é importante distingui-la da iteratividade. Esta diz respeito à repetição e à ocorrência sucessiva de uma dada eventualidade. Um exemplo é o verbo *tossir* em “ele tossiu cinco vezes”. Nessa sentença temos a mera repetição de uma mesma ação: tossir. Porém, em “tossir cinco vezes” não significa que a ação seja um hábito.

Já uma sentença como “o professor de matemática sempre chega três minutos atrasado”, em um contexto em que o professor de matemática sempre chega três minutos atrasado no período em que ele leciona, a sentença é verdadeira nesse período de tempo e indica um hábito: chegar atrasado três minutos. Note-se que talvez, nos exemplos mencionados acima, o que difere o hábito da iteratividade seja o uso do advérbio *sempre*, pois ele indica uma repetição da ação “chegar três minutos atrasado”. Vale lembrar que no exemplo “ele tossiu cinco vezes”, temos tempo verbal pretérito perfeito e a repetição da eventualidade *tossir*, e se dizemos “ele tosse”, temos tempo verbal presente do indicativo que indica um hábito, seja tosse uma vez ou três vezes: a eventualidade expressa um hábito ao invés de iteratividade. A distinção entre habitualidade e iteratividade, talvez, seja mais conceitual do que linguística, pois nos dois exemplos mencionados não é difícil perceber que a sentença “O professor de matemática sempre chega três minutos atrasado” também apresenta iteratividade, porque envolve a repetição da ação. Contudo, conceitualmente, interpreta-se como um hábito, diferentemente da interpretação dada em “ele tossiu cinco vezes”.

Para definir habitualidade, Comrie (1976) a compara com a iteratividade, e para definir o progressivo, o compara com a habitualidade. Segundo o autor, o progressivo é semelhante ao aspecto contínuo e é representado pelo gerúndio nas línguas em que usam para diferenciar o progressivo do não progressivo, como é o caso

do inglês e do português. Um evento que ocorre de maneira progressiva não significa que é hábito e vice-versa. Compare as sentenças abaixo:

(3) Ele chegava em casa às dezessete horas todos os dias.

(4) Quando ele chegava em casa, as crianças estavam brincando na rua.

Ambas as sentenças são construídas com o pretérito imperfeito. Em (3), tem-se uma habitualidade representada pelo adjunto adverbial *todos os dias*, que indica a frequência da ocorrência de *chegar em casa*. Por outro lado, (4) é verdadeiro para expressar progressivo, e isso é observada com o gerúndio em “estavam brincando”

Ao invés de utilizar os termos perfectividade e imperfectividade, Gong (1995) diferenciou oito tipos de aspecto para o mandarim moderno: aspecto de realização ou completude; de experiência; de experiência recente; de andamento e de duração; de início; de continuidade; de algo que irá ocorrer; e de algo que está prestes a acontecer (GONG, 1995, p. 71). Essas diferenciações têm fundamento nas análises dos marcadores aspectuais e dos advérbios que indicam aspecto, além disso, ao estabelecer esses oito tipos, levou em conta também a peculiaridade e a evolução do mandarim.

Na tentativa de agrupar esses oito aspectos na separação binária de Comrie (1976), temos para perfectividade: o aspecto de realização ou completude, representado pelo marcador *-le* e pelo advérbio *yǐ jīng* (indica algo que já ocorreu recentemente); o aspecto de experiência, representado pelo marcador *-guo* e pelo advérbio *céng jīng* (indica algo que de fato ocorreu no passado remoto); o aspecto de experiência recente, representado pelo *lái zhe* (significa que uma ação ocorreu recentemente). E para imperfectividade temos: o aspecto de andamento e continuidade, representado pelo marcador *-zhe* e pelos advérbios *zai-*, *zheng zai-* e *zheng-*, entre os quais *-zhe* serve mais para indicar a continuidade/resultativo e *zai-* para andamento; o aspecto de continuidade, representado pelo marcador *xià qù*, que significa a

continuidade de uma eventualidade. Restam três tipos de aspecto, todos indicando a fase inicial da eventualidade: o aspecto de início, representado por *qǐ lái*, que indica o início de algum evento ou início da mudança de estado de uma eventualidade; o aspecto de algo que irá acontecer, representado por *jiāng yào*, indicando que a mudança de estado irá acontecer; e por último, o aspecto de algo que está prestes a acontecer, representado pelos advérbios *kuài yào*, *jiù yào* e *jí jiāng*.

Enquanto Smith (1997) tenta separar os dois marcadores, *zai-* e *-zhe*, atribuindo-lhes comportamentos diferentes, Gong (1995) descreve seus comportamentos de forma rápida e simples, e ainda mostra que o marcador *-zhe*, até certo nível, também pode indicar o progressivo da eventualidade. Smith (1997, p. 76), num certo ponto, também reconhece que uma sentença como (5) é ambígua:

(5)	田	里	种	着	花。
	Tián	lǐ	zhòng	zhe	huā
	Campo	dentro	plantar	<i>zhe<sub>result.</sub></i>	flor(es).
	“Dentro do campo, está(ão) plantada(s) a(s) flor(es).”				
	“Estão plantando flores no campo.”				

A sentença (5) é verdadeira nessas duas interpretações: a primeira é a leitura progressiva, na qual há o andamento do evento *plantar flor(es)*, isso corresponde a interpretação: “Estão plantando flores no campo”; a outra, a leitura resultativa, na qual há o evento de *plantar flor(es)* já realizado e que esta(s) permanece(m) plantada(s). O marcador, nesse caso, indica o estado resultativo ao invés de indicar o progressivo.

Todavia, ao implicar estado resultativo, continua sendo um marcador imperfectivo, pois focaliza “*on the state after the finishing point and conveys the idea that the state holds for a period of time*”. (PAN, 1996, p. 416). Exemplificando a afirmação de Pan (1996), retomamos o exemplo (5): se o interpretamos como resultativo teremos a ação de plantar terminado, mas o objeto flor(es) continua(m)

plantada(s) no campo por certo período de tempo. Mesmo tendo essa característica, o marcador *-zhe* não aparece nas sentenças que têm verbos estativos.

Vale ressaltar que nenhum dos marcadores apresentados nessa seção, tanto perfectivos quanto imperfectivos, se aplicam para verbos estativos.

## 2.3 ASPECTO LEXICAL

O aspecto lexical, apesar de ter recebido esse nome, não se restringe a apenas ao léxico, muitas vezes também os seus argumentos têm contribuição considerável. Comrie (1976) menciona algumas características inerentes ao léxico ou à situação. São elas: pontualidade e duratividade; telicidade e atelicidade; situação estática e situação dinâmica. Mas, antes dele, Vendler (1967) já havia identificado agrupamentos diferenciados de verbos, e Smith (1997) aprimorou esse estudo acrescentando traços temporais. Essas características apresentadas por esses autores têm uma grande contribuição na identificação da (in)compatibilidade com os marcadores aspectuais.

Antes de identificar as (in)compatibilidades dos marcadores aspectuais com as classes de Vendler (1967), é necessário estar claro quais são os traços que caracterizam cada classe vendleriana. Os traços temporais referidos nas subseções seguintes são de Smith (1997), aqueles usados por ela para diferenciar um grupo de verbo do outro.

### 2.3.1 Dinamicidade e Estaticidade

O primeiro critério para estabelecer a diferença entre dinamicidade e estaticidade é analisar se na eventualidade consta movimento físico ou não. Observando-se cenas diferentes para os eventos *saber* e *correr*, por exemplo, numa situação em que “João sabe onde Maria mora” se fosse dividida em vários pedaços, em cada um deles se tem “João sabe onde Maria mora”. Assim, o estado de *saber* é

estática, ou seja, não há movimento físico. Já a situação apresentada por *correr* possui movimento, isto é, se fosse dividida em pedaços, seria possível ver que o evento todo é constituído por uma sequência de movimentos: levanta a perna esquerda, coloca-a no chão, levanta a perna direita, coloca-a no chão, assim sucessivamente, por exemplo. Sem esses movimentos não haveria o evento de *correr*. Por isso, “*dynamic situations involve necessarily change, whereas states are situations that may not involve change*” (COMRIE, 1976, p. 49).

Vendler (1967) identificou o grupo de verbos que admite o tempo verbal contínuo, por exemplo, *correndo*, *empurrando o carrinho*, etc., do grupo de verbos que não admite contínuo, por exemplo, *\*sabendo matemática*, *\*tendo olhos azuis*<sup>2</sup>, etc. A classe de verbos que não admite contínuo é denominada de verbos de estado e possui o esquema temporal assim definido:

Verbos de estado: *A amou B de  $t_1$  até  $t_2$*  significa que em qualquer instante entre  $t_1$  e  $t_2$  *A amou B*.

Quadro 1: A interpretação de estados (Vendler, 1967)

A distinção entre estático e dinâmico é fundamental, pois faz com que estado, que é estático, fique de um lado e o evento, que é dinâmico, de outro. Nos eventos estão incluídos verbos de atividade, *accomplishment* e *achievement*. Outra característica que se vê em verbos de estado é que a realização está contida no tempo, diferente do evento, que, de modo geral, leva tempo para ser realizado, mesmo que esse tempo seja o mínimo, como em um *achievement*. Um exemplo desse tipo de verbo é *nascer*, em que a ação expressa ocorre num instante de tempo. Além disso, para o evento, há a possibilidade de ele ser fracionado, isto é, pode ser dividido em pedaços,

---

<sup>2</sup> Muitos casos de gerúndio com os verbos estativos em PB são aceitáveis, algo semelhante a “João está sabendo que Maria vai viajar”, “Raimundo está tendo um caso com Joana”. Mas fenômenos como esses não são aceitáveis em inglês e nem em mandarim.



como, por exemplo, em *construir uma casa*, em que se verificam partes (constrói o chão, as paredes, o teto e assim por diante). Isso não ocorre com os verbos de estado, e é por essa razão que essa classe aspectual não aceita o progressivo nas línguas como inglês e mandarim<sup>3</sup>.

Outra característica dos verbos de estado, descrita por Smith (1997), é que uma situação pode ocorrer indefinidamente, ou seja, não apresenta ponto final natural. Quando se tem a telicidade, esta é apresentada por advérbios, sendo, portanto, interrompida. Analisando a estrutura interna do estado, observa-se que, por exemplo, ao dizer “João ama Maria durante vinte anos”, no intervalo de vinte anos, João ama Maria é verdadeiro, e ainda, é verdadeiro também em todos os seus subintervalos. E a telicidade do verbo *amar* nessa sentença é indicada pelo advérbio *vinte anos*. Dessa forma, tem-se o seguinte esquema temporal:

Estado: (I) ————— (F) <sup>4</sup>
------------------------------------

Quadro 2: Esquema temporal de estados (Smith, 1997)

No quadro 2, o motivo de o ponto inicial e o final estarem entre parênteses é porque não fazem parte do estado, por isso não estão incluídos. Comparando a sentença “João sabe onde Maria mora” com o quadro 2, pode-se ver que o verbo *saber* é representado pela linha contínua, pois não possui mudanças e não apresenta ponto final natural. O que difere estado de atividade é que atividades apresentam

<sup>3</sup> Gong (1995) analisa detalhadamente a questão dos verbos estativos com os marcadores imperfectivos, ele conclui que esses verbos por serem [- dinâmicos], esse traço é importante para compor o progressivo e o resultativo em mandarim, por isso, não aparecem em progressivo. Essa questão também será discutida na seção 2.5.

<sup>4</sup> No trabalho de Smith (1997), I significa ponto inicial e F significa ponto final, esses dois pontos não são relevantes para estados, por esse motivo estão entre parêntese.

dinamicidade, enquanto estados apresentam situações estáticas, no sentido de não ter nenhuma ação ou movimento físico.

Esse traço temporal, [ $\pm$  estático], é um divisor entre os verbos de estado e os verbos de evento, compostos por atividade, *accomplishment* e *achievement*. Para diferenciar os verbos de atividade, Smith (1997) percebeu que o traço [ $\pm$  télico] é essencial.

### 2.3.2 Telicidade e Atelicidade

Uma situação télica é aquela que tem ponto final – *terminal point* (COMRIE, 1976, p. 44), ou seja, a situação só se qualifica como tal quando atinge um determinado ponto. Por exemplo, fazer uma cadeira é um evento que se direciona para um fim, isto é, para se ter uma cadeira feita. Antes disso, a sentença “fez uma cadeira” não é verdadeira. Um evento télico também possui mudança de estado, constituído por um resultado ou um alvo do evento. Quando é alcançado o alvo ou o resultado, a mudança de estado ocorre e o evento é completado. A situação télica é equivalente a que Vendler chama de *accomplishment*. O que é interessante salientar é que para identificar tal situação, o que entra em jogo não é apenas o verbo, mas também os seus complementos: isso inclui objetos e adjuntos. Exemplos disso são *construir a casa*, *lavar o carro*, *tomar três copos de água*, etc., em que a telicidade é alcançada somente quando se tiver a casa toda construída, o carro todo lavado e os três copos de água tomados.

Já a situação atélica é aquela que não apresenta o ponto final, ou seja, não há objeto que direciona o andamento do evento. No grupo que admite gerúndio, por exemplo, foi identificado que é possível fazer mais uma separação, usando o teste de rompimento do evento. Nos dois exemplos já mencionados, *correr* e *empurrar o carrinho*, se esses eventos fossem interrompidos, ou seja, se alguém parasse de correr

ou de empurrar o carrinho, é possível afirmar que correu e que empurrou o carrinho. A interpretação dos verbos de atividade é o descrito no quadro 3.

Verbos de atividade: A estava correndo no tempo  $t$  significa que o tempo  $t$  está dentro do intervalo determinado de tempo em que A estava correndo.

Quadro 3: A interpretação de atividades (Vendler, 1967)

Para Smith (1997), as atividades são “*processes that involve physical or mental activity, and consist entirely in the process*”. Além disso, atividades não apresentam nenhum ponto final implícito ou explícito. Por isso, há a interrupção, mas não o término, porque a noção de completar é irrelevante para atividade. Em outras palavras, se a atividade A se desenvolve num intervalo de tempo  $I$ , então em qualquer subintervalo, a atividade A se desenvolve. Porém, isso não elimina a possibilidade de ter ponto final arbitrário, como revela Smith (1997, p. 23). E isso faz com que essa autora apresente um esquema temporal diferente do de Vendler, indicando o ponto final arbitrário:

Atividade:  $I \dots F_{\text{Arb}}$ <sup>5</sup>

Quadro 4: Esquema temporal de atividades (Smith, 1997)

Como a atividade é [+ dinâmica], há ações físicas, que são representadas pela linha pontuada no intervalo de tempo. Essa linha tem um ponto final arbitrário, isto é, a atividade pode ser interrompida a qualquer momento que continua sendo atividade.

Uma situação de atividade pode ser composta por verbos atélicos, que não exigem complementos, como *dormir*, *sorrir*; ou por verbos atélicos com seus complementos compatíveis, como *empurrar o carrinho*. Ou ainda por verbos télicos

---

<sup>5</sup> Segundo Smith (1997), a abreviação  $F_{\text{Arb}}$  significa que a atividade tem um ponto final arbitrário.

com complementos compostos de substantivos plurais, como *comer maçãs*, *cantar canções*, etc. Além disso, verbos de atividade ainda podem aparecer com advérbios que indicam a repetição do evento.

Uma situação expressa por um verbo de atividade não representa sempre uma situação de atividade, isto é, se houver uma expressão que indique telicidade, a situação pode passar de atélica para télica. Um exemplo é *cantar*. Sem o complemento, o verbo *cantar* compõe uma situação atélica. Caso haja um complemento, como *cinco canções*, por exemplo, tem-se *cantar cinco canções* e a situação passa de atélica para télica. Podemos identificar a (a)telicidade nos exemplos abaixo:

- (6) a. O marceneiro está cantando.
- b. O marceneiro cantou
  
- (7) a. O marceneiro está fazendo a cadeira.
- b. O marceneiro fez a cadeira

Em (6a), temos o evento *cantar* em andamento e sem ponto final natural, isso significa que o evento pode ocorrer indefinidamente. Contudo, quando se interrompe o evento, ainda é verdadeiro que o marceneiro cantou, como mostra (6b). Porém, é impossível ter o mesmo raciocínio para o exemplo (7), porque neste temos o complemento designador de telicidade. Isto é, antes de se ter a cadeira feita, não se pode dizer que “o marceneiro fez a cadeira”, ou seja, não se pode inferir que ele aconteceu, antes de terminar, isto é, ter a cadeira feita. Dessa forma, se interrompesse esse evento, a afirmação como (7b) não seria verdadeira.

Com isso, observa-se que (6a) é uma situação atélica, e implica (6b). Já (7a) é uma situação télica, e não implica a afirmação em (7b), porque a eventualidade descrita aí tem um ponto final determinado e a forma imperfectiva não garante que o marceneiro tenha alcançado esse ponto.

Além da telicidade, a homogeneidade também contribui para diferenciar atividade e *accomplishment*. Para os verbos de atividade, o evento ocorre de forma homogênea, isso significa que qualquer parte, isso inclui sua subparte, da atividade é da mesma natureza do todo. O exemplo *correr* citado anteriormente demonstra que o evento todo é *correr* e cada subparte de *correr* também é *correr*. Todavia, a homogeneidade não acontece com os verbos *accomplishments*, pois a sua subparte não pode ser considerada como um evento, apenas ao completar o evento todo é que se pode afirmar que é o evento de *accomplishment*. Isso é verificado nos exemplos *desenhar um círculo* e *correr um quilômetro*, em C e D, no quadro 6 a seguir.

Ao se comparar o esquema temporal dos *accomplishments* com o de atividades, a primeira impressão que se tem é que eles são idênticos. O que os difere, no entanto, é o complemento. No esquema temporal dos verbos de atividade, o complemento verbal não desempenha nenhum papel na constituição temporal, pois atividade não exige a determinação de tempo para cumprir o evento. Diferentemente, *accomplishment* exige determinação de tempo para cumprir o evento. Segue, a seguir, o esquema temporal de verbos *accomplishments*:

Verbos *accomplishments*: A estava desenhando um círculo em um tempo  $t$  significa que  $t$  está num intervalo de tempo em que A desenhou aquele círculo.

Quadro 5: A interpretação de *accomplishments* (Vendler, 1967)

Uma vez que se tem algo a cumprir, a interrupção causa agramaticalidade. Para autores como Dowty, esse fenômeno é chamado **paradoxo do imperfectivo**<sup>6</sup> (DOWTY, 1979). O paradoxo do imperfectivo mostra que ao interromper uma atividade, pode-se ainda afirmar que a atividade foi realizada, mas isso não ocorre com *accomplishment*, ou seja, se houvesse uma cena em que alguém está desenhando um círculo ou está correndo num percurso de um quilômetro, e, de repente, parasse de

<sup>6</sup> A esse respeito consulte Dowty, 1979, p. 133

desenhar ou parasse de correr, não se poderia afirmar que esse alguém desenhou um círculo e nem que esse alguém correu um quilômetro. Para ilustrar essas observações, compare a seguir:

A	Correndo	→	Para de correr	→	Correu
B	Empurrando o carrinho	→	Para de empurrar o carrinho	→	Empurrou o carrinho
C	Desenhando um círculo		Para de desenhar um círculo		*Desenhou um círculo
D	Correndo um quilômetro		Para de correr um quilômetro		*Correu um quilômetro

Quadro 6: Comparação de atividades com *accomplishments*

Para que a situação passe de “desenhando um círculo”, em C, para “desenhou um círculo”, o evento todo precisa ser completado, isto é, o ponto final do círculo se encontra com o inicial. Ou seja, *accomplishment* tem um clímax a ser alcançado, como afirma Vendler em “*running a mile and drawing a circle do have a climax which has to be reached if the action is to be what it claimed to be*” (VENDLER, 1967, p. 100). Antes de alcançar esse clímax, *accomplishment* não pode ser considerado *accomplishment*. Por isso, para esse tipo de verbo não é possível interromper o evento. E isso se aplica para D do quadro 6, antes de cruzar a linha de chegada de um quilômetro, não é verdadeiro afirmar que alguém correu um quilômetro.

Enquanto verbo de atividade tem um ponto final arbitrário, *accomplishment* exige que a eventualidade seja completa ou terminada, isto é, além de ter desenvolvimento, tem resultado ou mudança de estado, que é a conclusão do desenvolvimento. Quando o evento atinge o seu resultado ou sofre a mudança de estado, significa que atingiu a completude e é impossível o evento continuar. Assim, tem-se o seguinte esquema temporal:

*Accomplishment*: I .....F<sub>Nat</sub>R<sup>7</sup>

Quadro 7 : Esquema temporal de *accomplishments* (Smith, 1997)

Por isso, se o evento *A* ocorre no intervalo *I*, o processo associado à *A* ocorre durante aquele intervalo (SMITH, 1997, p. 26). Além disso, uma situação denotada por um *accomplishment* pode ser composta por verbo atético com complementos quantificados. Quando isso ocorre, a quantificação determina a telicidade do evento em questão. Exemplos disso são: *comer duas maçãs*, *lavar três carros*, *construir a casa*, já mencionados anteriormente. Antes de terminar de comer a segunda maçã não se pode declarar que comeu duas maçãs, pois o ponto final é indicado pelo complemento *duas maçãs*. Já os momentos anteriores ao término da lavagem do terceiro carro, não se pode afirmar que lavou três carros, isto é, o percurso da lavagem de três carros não é lavar três carros, pois não se atingiu o seu resultado – ter três carros lavados.

Além disso, é possível haver verbos atéticos associados a advérbios que indicam a direção para algum lugar ou a limitação de tempo, por exemplo: *caminhar até a escola*, *trabalhar 3 horas*. Ou então verbos télicos com complemento resultativo, seja representado por complemento verbal ou por afixo verbal, como é o caso do mandarim. Para ser mais específico, o *Resultative Verbal Complement* (RVC) – complemento verbal resultativo - em mandarim é sempre sufixado a um verbo de atividade, como no exemplo a seguir:

(8)	他	学	会	了	骑	自行 车。
	Tā	xué	huì	le	qí	zì xíng chē
	Ele	aprender	saber	le <sub>reali.</sub>	montar	bicicleta

<sup>7</sup> Na interpretação de Smith (1997), *accomplishment* tem um ponto final natural, indicado por F<sub>Nat</sub>, e com esse ponto final natural resulta-se em um novo estado, indicado por R.

“Ele aprendeu a andar de bicicleta (e sabe fazê-lo).”

Nesse exemplo, o RVC é o *hui* (saber), sem o qual a sentença transmite a mensagem de que o sujeito *ele* passou por um processo de aprender a andar de bicicleta, mas isso não significa que ele sabe. Todavia, com RVC, garante-se que não apenas aprendeu a andar de bicicleta, mas sabe andar de bicicleta.

O traço [ $\pm$  estático] separou os verbos de estado dos de evento e processo. Estados são [+ estáticos] e eventos e processos são [- estáticos]. O traço [ $\pm$  télico] distinguiu atividade, que são [- télicos], e os *accomplishment* e *achievement*, que são [+ télicos], estes ainda contam com a culminância para se configurar. Por último, o traço que diferencia *accomplishment* e *achievement* é o [ $\pm$  durativo].

### 2.3.3 Duração e Instantaneidade

Como foi apresentada anteriormente, a imperfectividade tem relação com a estrutura interna de uma situação, não apresentando o começo e o fim dessa situação. A duração se refere a um certo período de tempo em que a eventualidade ocorre. A noção que se opõe à de duração é a de pontualidade<sup>8</sup>. Esta se refere à eventualidade que aconteceu de forma momentânea, ou seja, “*punctual situations do not have any duration, not even duration of a very short period*” (COMRIE, 1976, p. 42). Dessa maneira, verbos como *tossir* são considerados como pontuais, mais precisamente semelfactivos. Esse termo se refere à eventualidade que ocorre uma vez e apenas uma vez. Mas *tossir* pode denotar tanto uma situação semelfactiva como iterativa, dependendo da maneira como ela é colocada. Por exemplo, ao se dizer “ele tossiu”, isso pode ser interpretado como ele tossiu uma vez – nesse caso, é uma situação

---

<sup>8</sup> Essa oposição foi feita por Comrie (1976), porém a pontualidade apresentada nos estudos atuais se assemelha à semelfactiva. Mas no meu entendimento, Comrie tinha compreendido pontual como instantâneo.



semelfactiva –, ou ele tossiu várias vezes – nesse caso é uma situação iterativa. Por outro lado, quando se tem “ele tossiu cinco vezes”, não há dúvida, a sentença é interpretada como iterativa, devido à quantificação (cinco). Dessa forma, o traço [ $\pm$  instantâneo] é o divisor principal entre *achievement* e *accomplishment*, já que ambos apresentam mudança de estado.

Com o teste do uso do progressivo, se separam, lexicalmente, os dois tipos de verbos – estados e atividades. Com esse teste, havendo a interrupção do evento, se separam os verbos de atividade e os de *accomplishment*, no nível do sintagma verbal.

Para identificar outra classe, que está agrupada na dos *accomplishments* por possuírem clímax a ser alcançado, a expressão temporal *levar X hora* para realizar tal eventualidade coloca um divisor entre os verbos *accomplishments* e os *achievements*. Uma sentença como “eu levei uma hora para escrever a carta” pressupõe que naquela hora eu estava escrevendo a carta. Contudo, para os verbos *achievements*, não haveria essa pressuposição. Por exemplo, em “eu levei três horas para alcançar o topo da montanha” não significa que durante as três horas eu estava alcançando o topo. Durante duas horas e 59 minutos, estava no processo preparatório para alcançá-lo, ou então, nessa primeira hora do alpinismo, em que se pode dizer que estava no pé da montanha ainda, não significa dizer que cada minuto é *alcançando o topo*. Por outro lado, na sentença anterior, para cada minuto pode-se afirmar que o indivíduo estava escrevendo a carta. O esquema temporal, portanto, que se atribui a esse tipo de verbo – *achievement* – é:

Verbo *achievement*: A ganhou a corrida entre  $t_1$  e  $t_2$  significa que o instante em que A ganhou aquela corrida é entre  $t_1$  e  $t_2$ .

Quadro 8: A interpretação de *achievements* (Vendler, 1967)

O adjunto adverbial de tempo, *uma hora e três horas*, presente nos dois exemplos anteriores se comporta de maneira diferente nas duas situações. A situação de *accomplishment* possui intervalo de tempo antes da mudança de estado, mudança essa determinada pelo seu complemento. No caso de *escrever*, pode-se afirmar que cada minuto que passa, a eventualidade de *escrever* está presente. E isso não acontece com *achievement*, pois este é constituído por mudança de estado, sem o intervalo, ou o intervalo é curtíssimo. Isto é, não se pode afirmar que cada minuto de *alcançar* é *alcançar*, porque o *alcançar o topo* só acontece quando os pés pisam no topo da montanha e os momentos anteriores não podem ser considerados como alcançar o topo da montanha.

Uma situação tipicamente *achievement* é aquela que ocorre de forma instantânea, mas nem sempre envolve a mudança de estado. Isso significa que não há desenvolvimento como em atividade e *accomplishment*. Além disso, pode ser constituída por verbo télico e seus complementos combatíveis, como, por exemplo: *quebrar a taça*, *abrir a porta*, entre outros. Muitos verbos em si já constituem *achievement*, como *nascer*, *morrer*, *encontrar*, *ganhar*, *reconhecer*, etc. Em princípio, uma eventualidade de *achievement* não permite o progressivo, porque não possui desenvolvimento para que este focalize. Contudo, línguas como inglês e PB permitem o progressivo com esse tipo de verbo, e essa combinação indica que a ação está prestes a se realizar<sup>9</sup>. Por isso, Smith (1997) inclui os momentos anteriores à situação de *achievement* e apresenta o seguinte esquema temporal:

*Achievement*: ... E<sub>R</sub><sup>10</sup> ...

Quadro 9: Esquema temporal de *achievements* (Smith, 1997)

<sup>9</sup> A este respeito ver Rothstein, 2004.

<sup>10</sup> Segundo Smith (1997), *achievement* é um evento que se inicia e logo obtém o resultado, isso é indicado por R.

Se fossem incluídos os momentos anteriores, isso daria algo semelhante a:

(9) João está ganhando o jogo.

A interpretação que se dá ao exemplo (9) é que João está quase ganhando o jogo, e isso é permitido em PB. Por outro lado, em mandarim, a situação de *achievement* não permite o progressivo. Isso será demonstrado detalhadamente na seção seguinte.

Com a breve apresentação dos traços, tem-se a tabela abaixo, em que aparecem as quatro classificações propostas por Vendler (1967) e os seus traços atribuídos por Smith (1997) para diferenciar uma classe da outra.

<b>Situação \ Traços</b>	<b>Estático</b>	<b>Télico</b>	<b>Durativo</b>
<b>Estado</b>	[+]	[-]	[+]
<b>Atividade</b>	[-]	[-]	[+]
<b><i>Accomplishment</i></b>	[-]	[+]	[+]
<b><i>Achievement</i></b>	[-]	[+]	[-]

Quadro 10: Traço temporal e *situation type* – tipos de situação (Smith, 1997)

Baseando nos valores semânticos que cada uma das classes possui e apresentados no quadro 10, podemos listar alguns exemplos correspondentes a cada classe:

<b>Estado</b>	<b>Atividade</b>	<b><i>Accomplishment</i></b>	<b><i>Achievement</i></b>
Amar	Correr	Correr um quilômetro	Nascer
Acreditar	Empurrar o carrinho	Desenhar um círculo	Morrer
Conhecer	Caminhar	Escrever uma carta	Encontrar
Saber	Escrever	Fazer uma cadeira	Perder
Entender	Nadar	Construir uma casa	Reconhecer

Quadro 11: As classes aspectuais de Vendler (1967)

## 2.4 OS MARCADORES IMPERFECTIVOS DO MANDARIM E O *SITUATION TYPE*

Em mandarim, especificamente, o aspecto gramatical é observado, na maioria dos casos, nos marcadores. Esses marcadores aspectualizadores eram verbos, mas com o passar do tempo se tornaram abstratos servindo para indicar o aspecto.

Nesta subseção, apresentarei como o ponto de vista imperfectivo se relaciona com o tipo de situação, em mandarim, qual é a importância dos traços temporais do tipo de situação ao combinar-se com o ponto de vista imperfectivo.

Ainda em relação ao progressivo *zai-*, Chen (2004) aponta que o comportamento que esse marcador tem é diferente do inglês. Em inglês pode-se ter algo como mostra (10):

- (10) a. He is painting a picture.  
 “Ele está pintando um quadro.”
- b. He is walking to school.  
 “Ele está indo a pé para colégio.”

Mas em mandarim, construções como (10) é estranha e até agramatical, como mostra (11):

(11) a.	?	他	在	画	一	幅	画。
		Tā	zài	huà	yì	fú	huà
		Ele	zai <sub>prog.</sub>	desenhar/pintar	um	class.	pintura/quadro
“Ele está pintando um quadro.”							

b.	*	他	在	走	到	学 校。
		Tā	zài	zǒu	dào	xué xiào
		Ele	zai <sub>prog.</sub>	andar	chegar	escola
“Ele está andando até a escola.”						

Mesmo havendo telicidade indicada pelo complemento do verbo *paint* (pintar), *a picture* (um quadro), em (10a), o progressivo indicado por *-ing* é aceitável em inglês. Em (10b), a telicidade é indicada por *to school* (até a escola), e o verbo *go* (ir) aceita *-ing* para indicar progressividade. Isso na sentença (11a) não é totalmente agramatical, pois o marcador *zai-* pode “tomar” a dinamicidade apresentada pelo verbo de atividade *huà* (pintar), deixando de lado a telicidade indicado pelo *yì fú huà* (um quadro). Por outro lado, a leitura que se tem em (11a), de denotar a progressividade da eventualidade, não é permitida em (11b), consequência da presença do RVC, *dào* (*chegar*). Ou seja, a eventualidade *zǒu* (*andar/caminhar*) já se realizou e atingiu a sua completude, dando mais ênfase ao final da eventualidade. Isso faz com que o progressivo seja agramatical em (11b).

Para que o marcador *zai-* indique a progressividade em mandarim, a eventualidade precisa ser [- estática] e [+ durativa], traços essenciais para não causar agramaticalidade nessa língua. Nas classes vendlerianas, atividade e *accomplishment* carregam esses dois traços. Uma vez identificado isso, podemos ter exemplos como:

(12)	妹 妹	在	看	杂 志。
	Mèi mei	zài	kàn	zá zhì
	Irmã mais nova	zai <sub>prog.</sub>	ver/ler/assistir	revista

“A irmã mais nova está lendo revista.”

A sentença (12) indica uma situação de atividade por ter um verbo de atividade, *kàn* (ver/ler/assistir), e o seu complemento *zá zhì* (revista) não é um sintagma quantificado. Assim, grosso modo, o evento *kàn zá zhì* (ler revista) pode ocorrer indefinidamente. Para uma eventualidade como essa é preciso haver um verbo de atividade e um complemento não quantificado, pois a quantificação do sintagma contribui para a distinção entre atividade e *accomplishment*. O marcador *zai-* coloca em progressivo a eventualidade *kàn zá zhì* (ler revista). Assim ocorre com os verbos *sǎo* (varrer) e *zhǔ* (cozinhar) do exemplo a seguir:

(13)	王	先 生	在	扫	地,	王	太 太	在	煮	饭。
	Wáng	xiān shēng	zài	sǎo	dì	wáng	tài tai	zài	zhǔ	fàn <sup>11</sup>
	Wang	senhor	zai <sub>prog.</sub>	varrer	chão,	Wang	senhora	zai <sub>prog.</sub>	cozinhar	arroz cozido

“O senhor Wang está varrendo o chão, a senhora Wang está cozinhando.”

<sup>11</sup> Os complementos *dì* (chão) do sintagma *sǎo dì* (varrer o chão) e *fàn* (arroz cozido) do sintagma *zhǔ fàn* (cozinhar) são complementos obrigatórios dos verbos *varrer* e *cozinhar*, respectivamente. Esse tipo de objeto é conhecido como objeto *default*, pois apenas eles podem vir após o verbo *zhǔ* (cozinhar) para formar o significado *cozinhar*. Caso colocasse *mǐ* (arroz) no lugar do objeto, teríamos *zhǔ mǐ* (cozinhar arroz), que, nesse caso, não resultaria no verbo *cozinhar*, mas teríamos *cozinhar arroz* e não verduras ou carne, por exemplo. O *mǐ* (arroz), nesse caso, é o objeto específico do cozimento.

O fenômeno do complemento obrigatório é diferente do RVC. O complemento obrigatório é o sintagma nominal colocado após o verbo para saturar a estrutura sintática, pois os verbos transitivos necessitam de um complemento, que, em mandarim, não admitem a sua omissão. Nas sentenças em que há algo específico para cozinhar, por exemplo: *zhǔ yú* (cozinhar peixe), *zhǔ qīng cái* (cozinhar verdura), assim por diante, a sentença transmite a ideia de que há algo específico para o cozimento.

No exemplo (13), temos duas atividades indicadas pelos verbos *sǎo* (varrer) e *zhǔ* (cozinhar). Ambos carregam a característica de não ter ponto final natural e nem ponto final externo, apresentado por complementos ou advérbios. Os complementos na sentença em questão – *dì* (chão) e *fàn* (arroz cozido) – não são quantificáveis, pois eles servem, nesse caso, como complemento obrigatório, saturando a estrutura sintática. Por não serem quantificáveis, não denotam limite. Se os verbos não possuem ponto final natural e nem ponto final externo, podemos concluir que essa sentença apresenta situação de atividade e a sua combinação com o marcador *zai-* é perfeita em mandarim, pois ele indica que as duas eventualidades estão em andamento.

Vendler (1967) e Smith (1997) reconheceram que complementos quantificados, como os de mandarim, são constituídos por número + classificador + substantivo, contribuem para a denotação do *accomplishment*, porque esses complementos denotam a telicidade da eventualidade. Além disso, quando ela atinge a culminância, pressupõe-se a mudança de estado. Como afirma Smith (1997):

Accomplishments have successive stages in which the process advances to its natural final endpoint. They result in a new state. (...) When a process with a natural final endpoint reaches its outcome, the event is completed and cannot continue. (SMITH, 1997, p. 26).

O marcador *zai-* com *accomplishment* também pressupõe a eventualidade em andamento, deixando de lado o seu ponto final natural, como no exemplo a seguir:

- (14) ? 田 申 | 在 | 写 | 一 | 封 | 信 | 给 | 他的 | 儿子。  
 Tián shēn | zài | xiě | yí | fēng | xìn | gěi | tā de | ér zi.  
 Tian Shen | zai<sub>prog.</sub> | escrever | um(a) | class. | carta | dar/para | dele | filho.  
 “Tian Shen está escrevendo uma carta para seu filho.”

Como já mencionado anteriormente, para alguns falantes, o marcador *zai-*, numa sentença como (14), torna-a estranha, embora não chegue a ser agramatical. Essa inaceitabilidade se solucionará com a adição do elemento *zheng*, que significa *neste*

*momento*, isso indica que o momento de acontecimento coincide com o momento de fala. No entanto, ainda há falantes que aceitam a sentença com *ela está*, ou seja, há uma variação que é regional. Os falantes que aceitam a sentença (14) sem o advérbio *zheng* (*neste momento*) acreditam que *zai-* focaliza a dinamicidade do evento *xiě* (escrever), isto é, Tian Shen ainda não chegou até o final da carta, ele está no processo de escrever. O advérbio *zheng* (*neste momento*) reforça a ideia de que a eventualidade está acontecendo no momento da fala, como mostra (15):

(15)	田 申	正	在	写	一	封	信	给	他的	儿子。
	Tián shēn	zhèng	zài	xiě	yí	fēng	xìn	gěi	tā de	ér zi.
	Tian Shen	neste momento	zai <sub>prog.</sub>	escrever	um(a)	class.	carta	dar	dele	filho.
	“Tian Shen está neste momento escrevendo uma carta para seu filho.”									

Em (15), o elemento *zheng* (*neste momento*) pressupõe que no momento em que alguém relatou o fato de que Tian Shen está escrevendo a carta, ele estava escrevendo a carta (momento do evento coincide com o momento de fala). Mesmo assim, o marcador *zai-*, nesse caso, não deixa de indicar a progressividade do evento *xiě* (escrever). Por outro lado, os *accomplishments* que têm RVC não combinam com o marcador *zai-*:

(16)	a.	*	他	在	折	断	一	支	笔。
			Tā	zài	zhé	duàn	yì	zhī	bǐ
			Ele	zai <sub>prog.</sub>	dobrar	quebrar	um	class.	caneta.
			“Ele está quebrando uma caneta.”						

b.	*	他	正	在	折	断	一	支	笔。
		Tā	zhèng	zài	zhé	duàn	yì	zhī	bǐ
		Ele	neste momento	zai <sub>prog.</sub>	dobrar	quebrar	um	class.	caneta.
		“Ele está quebrando uma caneta neste momento.”							



Como mostra (16), a situação de *accomplishments* com RVC não se combina com *zai-* e nem *zheng zai-*, porque esses complementos indicam o término e a completude da eventualidade em questão. O marcador *zai-* não focaliza, de jeito nenhum, o término e a completude da eventualidade e sim a sua dinamicidade.

O outro marcador imperfeito, *-zhe*, indica continuidade ou estado resultativo da atividade, isto é, para uma eventualidade como *ler revista*, podemos afirmar que ela foi iniciada e continuou num período de tempo, como mostra (17):

(17)	妹 妹	看	着	杂 志。
	Mèi mei	kàn	zhe	zá zhì.
	Irmã mais nova	ler	zhe <sub>result.</sub>	revista.
	“A irmã mais nova está lendo revista.”			

O verbo *kàn* (*ler/ver/assitir*) não envolve mudança de estado. Esse tipo de verbo faz com que o marcador *-zhe* indique a continuidade do evento, enquanto o marcador *zai-* tem uma sincronicidade com a atividade e *accomplishment*, pois ambos têm o traço [+ durativo], ou seja, não há nenhuma restrição ao aparecer com as duas classes. Mesmo assim, vale ressaltar que a combinação de *zai-* com *accomplishment* é estranha, mas não agramatical, como aponta Chen (2004).

O marcador *-zhe* exige que a eventualidade seja [+ durativa] e [- télica]. Já os *accomplishments* justamente carregam o valor [+ télico], ou seja, cada subevento de *accomplishment* é diferente um do outro, ou envolve mudança de estado ou se caracterizam por terem atingido a culminância. Dessa forma, o marcador *-zhe*, que marca a continuidade, não aparece nessa eventualidade (GONG, 1995, p. 20). Por isso, (18) é agramatical em mandarim:

(18)	* 田 申	写	着	一	封	信	给	他的	儿子。
	Tián Shēn	xiě	zhe	yì	fēng	xìn	gěi	tā de	ér zi
	Tian Shen	escrever	zhe <sub>result.</sub>	um(a)	class.	carta	dar	dele	filho
“Tian Shen está escrevendo uma carta para seu filho.”									

A agramaticalidade de (18) é causada por ser um *accomplishment*, *xiě yì fēng xìn* (escrever uma carta), pois nos momentos anteriores ao se ter a carta escrita não se pode afirmar “escreveu a carta”. E esses momentos anteriores são subeventos sucessivos, um diferente do outro, se desenvolvendo até sua culminância. Em outras palavras, escrever uma linha é diferente de escrever duas linhas, e assim por diante. Assim a não homogeneidade faz com que o *-zhe* não possa atribuir continuidade ao evento. Muito menos o marcador *-zhe* se combina com a eventualidade que já se completou, aquele que tem RVC, como em (19):

(19)	*	他	走	到	着	学 校。
		Tā	zǒu	dào	zhe	xué xiào
		Ele	andar/caminhar	chegar	zhe <sub>result.</sub>	escola.
“Ele chegou à escola a pé.”						

No exemplo (19), a eventualidade *zǒu* (andar/caminhar) alcançou a sua culminância de *chegar até a escola*, uma vez que ela foi atingida. Assim há início, meio e fim, e, portanto, é perfectiva. Consequentemente, não se apresenta com os marcadores imperfectivos, nem mesmo com o *-zhe*, que indica o estado resultativo da eventualidade.

Em relação aos estados, nenhum dos marcadores se combina com esse tipo de verbo, apesar de ter o traço [+ durativo], pois o que difere os estados dos eventos é o traço [ $\pm$  estático], e tanto *zai-* quanto *-zhe* se combinam com o traço [- estático]. Dessa forma, não temos algo semelhante a:

(20)	*	张 三	在	认 识	玛 丽 雅。
		Zhāng sān	zài	rèn shì	mǎ lì yǎ
		Zhang San	zai <sub>prog.</sub>	conhecer	Maria

“Zhang San está conhecendo Maria<sup>12</sup>.”

O verbo *rèn shì* (conhecer) apresentado em (20) é um verbo de estado. Para se ter certeza disso, podemos compará-lo a algum verbo de atividade. Com qualquer verbo de atividade é possível parar a eventualidade a qualquer momento, pois ela tem um ponto final arbitrário, sendo possível afirmar que já se realizou determinado evento. Em outras palavras, podemos ter “Maria está empurrando o carrinho”, e se num certo momento ela para de empurrá-lo, isso implica que “Maria empurrou o carrinho”. A possibilidade dessa afirmação se deve à dinamicidade que a atividade possui. Caso não haja dinamicidade, como é o caso de verbos de estado, a afirmação que alguém realizou ou terminou de realizar algo não se estabelece, como mostra (20). Nesta sentença, o verbo não aceita a afirmação que Zhang San parou de conhecer Maria, além disso, não se pode afirmar, depois de parar de conhecer Maria, que ele conheceu Maria e não a conhece mais.

Ainda sobre os estados, a sua combinação com *-zhe* em mandarim é impossível, como em:

(21)	*	他	姓	着	王,	叫	着	王 晓 刚。
		Tā	xìng	zhe	wáng	jiào	Zhe	wáng xiǎo gāng.
		Ele	sobrenome	zhe <sub>result.</sub>	Wang,	chamar	zhe <sub>result.</sub>	Wang Xiao Gang.

“O sobrenome dele está sendo Wang, e está se chamando Wang Xiao Gang.”

Em alguns casos, os verbos de estado relatam fatos, como mostra (21). Pragmaticamente, os seres humanos nascem carregando sobrenome da família, isso é um fato imutável. Por esse motivo, não se tem algo do tipo *ele está recebendo o*

<sup>12</sup> A sentença “Zhang San está conhecendo Maria” é possível em PB, mas não é estado, é processo.

*sobrenome de Wang*, e algum tempo depois trocar de sobrenome. Esse é um dos motivos da agramaticalidade de *xìng* (sobrenome) com o marcador *-zhe*, assim como para o verbo *jiào* (chamar-se). Ambos não apresentam dinamicidade e, por isso, não podem ocorrer com marcadores imperfectivos para indicar progressivo ou continuidade.

E por fim, os *achievements* também não se combinam com os marcadores imperfectivos, apesar de ter o traço [- estático], iguais a atividade e *accomplishment*. Essa impossibilidade é causada pelo traço [- durativo]. Os exemplos típicos dessa eventualidade são os verbos *nascer* e *morrer*, nas sentenças a seguir em mandarim:

- (22) \* 田 申      在      死。  
             Tián shēn      zài      sǐ  
             Tian Shen      zai<sub>prog.</sub>      morrer  
             “Tian Shen está morrendo.”

- (23) \* 玛 丽 雅      在      出 生。  
             Mǎ lì yǎ      zài      chū shēng  
             Maria      zai<sub>prog.</sub>      nascer  
             “Maria está nascendo.”

O marcador *zai-* em (22) e (23) não denota momentos preparatórios, por isso a presença do progressivo no evento em que não tem duração causa agramaticalidade. E essa agramaticalidade é exclusiva em mandarim, pois se comparamos ao PB, o progressivo com *achievement* é gramatical, já que nesta língua temos:

- (22') Tian Shen está morrendo

- (23') Maria está nascendo.

Nos dois exemplos, (22') e (23'), a perífrase durativa indica os momentos anteriores do *nascer* e do *morrer*, característica essa que o marcador *zai-* não tem. E sentenças com o marcador *-zhe* com *achievements* também não são boas em mandarim:

- (24) \* 

田 申	死	着。
Tián shēn	sǐ	zhe
Tian Shen	morrer	zhe <sub>result.</sub>

  
“Tian Shen está morrendo.”

- (25) \* 

玛 丽雅	出 生	着。
Mǎ lì yǎ	chū shēng	zhe
Maria	nascer	zhe <sub>result.</sub>

  
“Maria está nascendo.”

A ausência da duração e da homogeneidade nos verbos *achievements* impossibilita o uso do marcador *-zhe*, em mandarim. Em (24), a eventualidade denotada pelo verbo *sǐ* (morrer) se configura como a mudança do estado de viver para o morrer, sem desenvolvimento e momentos preparatórios. É a mesma leitura que se dá em (25), a eventualidade se configura depois que Maria passa de não nascer para nascer. Ambas, (24) e (25), não aceitam o marcador de continuidade *-zhe* para indicar que a ação teve duração.

Com a apresentação dos marcadores imperfectivos associados às classes de Vendler (1967), obtemos o quadro a seguir:

<i>Situation type</i>	Traços temporais			Marcadores imperfectivos	
	Estático	Durativo	Télico	Ocorrência com <i>zai-</i>	Ocorrência com <i>-zhe</i>
<b>Estados</b>	+	+	-	Não	Não
<b>Atividades</b>	-	+	-	Sim	Sim
<i>Accomplishments</i>	-	+	+	Sim	Não
<i>Achievements</i>	-	-	+	Não	Não

Quadro 12: *Situation type* e ocorrência com os marcadores imperfectivos

Quando os *accomplishments* ocorrem com o marcador *-zhe*, implicando a progressividade da eventualidade em questão, como aponta Gong (1995), a eventualidade é verdadeira em mandarim. Caso o marcador *-zhe* implique a duração ou a continuidade da eventualidade, ou seja, aquela que possa servir como *background* para uma outra eventualidade, essa combinação é impossível, porque esse marcador aspectualmente escolhe situações atélicas como complemento, e *accomplishments* se configuram, justamente, por ter situação télica como complemento. Por esse motivo, na lacuna de *accomplishments* e ocorrência com *-zhe* está marcada sim/não: sim, quando temos a primeira relação de implicação, e não, quando temos a segunda.

## 2.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os dados apresentados neste capítulo mostram que o estudo do aspecto em mandarim pode ser feito em dois âmbitos: gramatical e lexical. No aspecto gramatical, são os marcadores aspectuais que indicam a perfectividade e a imperfectividade. Autores como Comrie (1976) e Smith (1997) definem esses marcadores como sufixos ou afixos, mas Gong (1995) aponta, em seu trabalho, que são elementos essenciais presentes na sentença para indicar a (im)perfectividade, por isso, os chama de marcadores aspectuais. Os termos como *sufixo* e *afixo* são mais apropriados para

designar a afixação nos verbos para marcar essa (im)perfectividade, em línguas como o polonês (Nadalin, 2005), por exemplo. No âmbito lexical, o trabalho clássico é, sem dúvida, o de Vendler (1967), no qual ele divide os verbos em quatro classes, e Smith (1997), que atribuiu traços temporais. Gong (1995), nesse âmbito, apresenta análises diferentes, pois leva em consideração a eventualidade inteira para determinar se ela é atividade, estado, *accomplishment* ou *achievement*.

O que chamou mais a minha atenção foi o que Gong (1995) e Pan (1996) consideraram: o marcador *-zhe* com locativo pressupondo estado, em mandarim. Para ilustrar isso, temos:

(26)	货 物	还	在	仓 库	里	堆	着	呢。
	Huò wù	hái	zài <sup>13</sup>	cāng kù	lǐ	dūi	zhe	ne <sup>14</sup>
	Mercadoria(s)	ainda	em	depósito	dentro	empilhar	zhe <sub>resilt.</sub>	ne

“A(s) mercadoria(s) ainda está(ão) empilhada(s) dentro do depósito.”

O marcador *-zhe* com locativo, apontado por Gong (1995), é verificado em (26), em que temos o locativo *zài cāng kù lǐ* (dentro do depósito). Na leitura de Gong (1995), a(s) mercadoria(s) está(ão) dentro do depósito, não há nenhum movimento, e isso para ele constitui estado, pois analisa a eventualidade inteira, como um todo. Além disso, esse tipo de construção gramatical não oferece outras interpretações, a não ser esta dada por Gong (1995).

As noções essenciais a serem explicitadas no capítulo 3 são os traços temporais atribuídos à atividade e ao comportamento dos marcadores imperfectivos ao se unir a essa classe. Isso porque os dois marcadores e a classe de atividade são combinações que não causam agramaticalidade em mandarim. Já com outras classes

<sup>13</sup> Conforme mencionado no capítulo 1, *zai-* tem duas funções em mandarim, uma é indicar aspecto imperfectivo e outra, precedendo lugares, é preposição e se traduz como *estar em* ou *ficar em*. Aqui *zai-* desempenha a função de preposição.

<sup>14</sup> Referente ao elemento *ne*, verifique a nota de rodapé 15 do capítulo 1.

sofrem restrições. Com o que apresentei até o momento, é possível ter noção de como o progressivo e a continuidade ou o resultativo se apresentam em mandarim. Ainda, pretendo usar esses dois marcadores como argumento para mostrar que o semelfactivo é uma subclasse da atividade. Neste capítulo, dei mais atenção à atividade, porque estabalecerei semelhanças entre atividade e semelfactivo no capítulo a seguir.



### 3. UMA CLASSE ESPECIAL: OS VERBOS SEMELFACTIVOS

#### 3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, veremos a quinta classe incluída por Smith (1997) em seu estudo – o verbo semelfactivo. Serão apresentados dados em mandarim que servirão para averiguar se semelfactivo é uma classe à parte, como aponta a autora e também Bertinetto (2006), ou se é uma subclasse da atividade, como aponta Rothstein (2004). Os dados do mandarim lançam luzes sobre essa questão. Os autores estudados neste capítulo são Smith (1997), Rothstein (2004) e Bertinetto & Dini (2006). Na seção 3.2, será apresentada a noção de semelfactivo. Explicita-se aí como Rothstein (2004) questiona a divisão das classes estabelecida por Smith (1997). Nessa mesma seção, ainda se apresenta como Bertinetto & Dini (2006) veem o semelfactivo, tendo em vista os dados do italiano. Na seção 3.3, será apresentado como o semelfactivo se apresenta em mandarim e sua combinação com os dois marcadores imperfectivos, *zai-* e *-zhe*. As combinações – semelfactivo com *zai-* e semelfactivo com *-zhe* – oferecem evidências de que os verbos considerados semelfactivos fazem parte da classe de atividade.

#### 3.2 SEMELFACTIVO, VERBOS PONTUAIS E ATOMICIDADE

A classe dos verbos semelfactivos é pouco discutida na literatura, tampouco é fortemente defendida. O termo semelfactivo não é desconhecido, pois Comrie (1976) já o havia mencionado, porém não o considerava algo à parte, apenas dizia que é uma característica da pontualidade, que por sua vez se opõe ao durativo. Os autores que defendem a existência dessa classe à parte das quatro classes vendlerianas são Smith (1997) e Bertinetto & Dini (2006).

O acréscimo dos semelfactivos na classificação vendleriana foi defendido por Carlota Smith (1997). Para ela, “*semelfactives are single-stage events with no result or*

*outcome*”. Em outras palavras, essa classe se caracteriza quando a eventualidade não apresenta resultado, mudança de estado ou desenvolvimento – cada subevento pode ser considerado um evento propriamente dito.

Os verbos semelfactivos, por ter ação, têm traços como [+ dinâmico], porém, como não denotam resultado e nem mudança de estado, são [- télicos]. Com esses dois traços, se assemelham à classe dos verbos de atividade. Mas há um traço que os distingue: a instantaneidade. Ou seja, a atividade, para Smith (1997), se configura como sequência de movimentos, como *andar* e *ler*, por exemplo, e semelfactivo também se configura com a sequência de movimentos. O que, de fato, distingue o semelfactivo da atividade, segundo a autora, é quando observamos os seus subeventos, pois a atividade é constituída por subeventos diferentes, enquanto o semelfactivo é constituído por subeventos iguais. Desta forma, podemos ter uma tabela comparativa entre atividade e semelfactivo:

<b>Atividade</b>	<b>Semelfactivo</b>
Caminhar	Piscar
Digitar	Pular
Varrer	Bater as asas
Ler	Tossir
Assistir	Bater na porta

Quadro 1: Tabela comparativa entre atividade e semelfactivo

Os verbos que formam a classe de atividade têm seus subeventos um diferente do outro. Já os verbos que formam a classe semelfactiva têm seus subeventos iguais e esses subeventos são iguais ao evento como um todo. Dessa forma, Smith (1997) atribui a essa nova classe um esquema temporal diferente da atividade, como se apresenta a seguir:

Semelfactivo: E

Quadro 2: Esquema temporal de semelfactivo (Smith,1997)

De acordo com a análise de Smith (1997), a eventualidade semelfactiva se configura por ter seu subevento idêntico ao seu evento, e isso é representado por E no esquema temporal acima.

O traço que difere semelfactivos de *accomplishments* e de *achievements* é a telicidade. Os *accomplishments* e *achievements* por terem resultado, clímax a atingir e/ou mudança de estado são caracterizados como [+ télicos]. E os semelfactivos, apesar de aparentemente terem fim nos seus subeventos, são como atividades que podem se prolongar indefinidamente, por isso se caracterizam por serem [- télicos]. Segundo Smith (1997), por ter um grupo de verbos que apresentam os traços [- estático], [- durativo] e [- télico], esses verbos devem configurar uma classe a parte, que a autora chama de semelfactivo.

Com as características brevemente mencionadas, apresenta-se a tabela com os traços temporais atribuídas por Smith (1997), repetida novamente abaixo:

Situação	Estático	Durativo	Télico
Estado	[+]	[+]	[-]
Atividade	[-]	[+]	[-]
<i>Accomplishment</i>	[-]	[+]	[+]
<b>Semelfactivo</b>	[-]	[-]	[-]
<i>Achievement</i>	[-]	[-]	[+]

Quadro 3: Traço temporal e *situation type* (Smith, 1997)<sup>1</sup>

<sup>1</sup> SMITH, C. 1997. **The Parameter of Aspect**. 2 ed. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, p. 20.

Além de ter identificado o semelfactivo, Smith (1997) ainda aponta as restrições na combinação do semelfactivo com o imperfectivo, com advérbios ou expressões de duração, a não ser que essa combinação expresse *multiple-event activities* (SMITH, 1997, p. 50). No entendimento dessa autora, *multiple-event activities* são constituídos por uma série de repetição da mesma eventualidade com ponto final arbitrário. Quando uma eventualidade semelfactiva ocorre de maneira repetida, se configura exclusivamente uma atividade, e essa é a única interpretação possível. Veja nos exemplos (1) e (2).

(1) Maria tossiu durante uma hora.

(2) Maria está tossindo.

Para a autora, o verbo *tossir* é semelfactivo e *durante uma hora* é a expressão de duração, em (1). Portanto, a única leitura possível é uma cadeia repetida de eventos de *tossir*. Dessa forma, uma série de repetição do semelfactivo passa a ser *multiple-event activities*. Isso também ocorre com o exemplo (2), em que o verbo se encontra no progressivo (está tossindo).

Tanto com advérbio de duração, como mostra (1), quanto com a perífrase durativa, como mostra (2), a eventualidade *tossir* é realizada repetidamente. Grosso modo, há uma diferença, que talvez seja mais conceptual, entre *tossir* e *caminhar*, visto que cada minievento de *tossir* é *tossir*, mas cada subevento de *caminhar* não é *caminhar*, que pode ser dar um passo com a perna esquerda e depois outro passo com a perna direita e assim por diante. Na leitura de Smith (1997), é essa distinção que configura duas eventualidades, a primeira é semelfactiva, representada por verbos como *tossir* e a segunda, atividade, representada por verbos como *caminhar* (exemplos dos verbos encontram-se no quadro 1 desse capítulo).

A ideia de Smith (2006) é que quando os verbos semelfactivos têm leitura de *multiple-event activities* temos uma derivação. Ou seja, os verbos podem ser semelfactivos, mas quando modificados por advérbios ou expressões de duração, ou mesmo por elementos que indicam progressividade, como a perífrase durativa, a sentença passa a ser interpretada como atividades de múltiplos eventos e não semelfactiva. Smith (1997) denomina esse fenômeno de *situation type shifts* (SMITH, 1997, p. 53). Então, quando há elementos que indicam progressividade juntamente com os semelfactivos, a sentença deve ser interpretada como uma atividade, mesmo tendo verbo semelfactivo.

Além de Smith (1997), Bertinetto & Dini (2006) também dão atenção para esse grupo de verbos, chamando-os de verbos pontuais. Os dois autores apontam que os verbos pontuais são diferentes dos *achievements* pelo fato de não apresentarem resultados ou mudança de estado. Ora, se analisamos os *achievements*, percebemos que eles se configuram somente com a mudança de estado. Por outro lado, os verbos pontuais se configuram por terem minieventos, e cada um deles é constituído por ter início e fim. O fato de os verbos pontuais possuírem essa característica faz com que se assemelhem aos *achievements*.

Ainda Bertinetto & Dini (2006) aprofundaram esse estudo distinguindo duas subclasses, uma chamada de *event-punctual* – pontual eventivo – e outra de *state-punctual* – pontual estativo. Grosso modo, pontual eventivo constitui-se quando a eventualidade pontual possui ações, por outro lado pontual estativo constitui-se quando há mudança de sensação ou emoção do indivíduo (a distinção dessas duas subclasses será apresentada mais adiante). Acrescentando essas duas subclasses à tabela que diferencia as classes vendlerianas, reorganizada por Bertinetto & Dini (2006), obtém-se o quadro a seguir:

	<b>Durativo</b>	<b>Télico</b>	<b>Estativo</b>
<b>Estados</b>	[+]	[-]	[+]
<b>Processos</b>	[+]	[-]	[-]
<i>Accomplishments</i>	[+]	[+]	[-]
<i>Achievements</i>	[-]	[+]	[-]
<i>Event-punctuals</i>	[-]	[-]	[-]
<i>State-punctuals</i>	[-]	[-]	[-]

Quadro 4: Traço temporal e a acionalidade (Bertinetto & Dini, 2006)

Apesar de ter apontado que os verbos pontuais ainda se diversificam entre pontual eventivo e pontual estativo, Bertinetto & Dini (2006) não lhes atribuem traços temporais diferentes, como se observa no quadro acima que, tanto um quanto outro, carregam traços como [- durativo], [- télico] e [- estativo].

O *event-punctual* (pontual eventivo) apresentado por Bertinetto & Dini (2006), juntamente com o progressivo, oferece a leitura de progressivo momentâneo, isto é, o momento do acontecimento e o momento da fala coincidem. Ou seja, uma ação como em (3) somente é possível quando a pessoa a está realizando justamente no momento em que a sentença é pronunciada.

(3) Leo sta facendo un salto.<sup>2</sup>

Leo is doing a jump

“Leo is performing a jump”

A eventualidade em (3), *sta facendo un salto*, se configura quando Leo está saltando, e é impossível quando ele está se preparando para saltar, isso mostra que, no italiano, os verbos pontuais com perífrase durativa não indicam os momentos anteriores, aqueles que designam a preparação. Nesse caso, o tempo que a

<sup>2</sup> O exemplo é extraído do Bertinetto & Dini (2006, p. 11)

eventualidade se realiza é determinado. Ou seja, se Leo não está saltando no momento da fala, a sentença (3) não é verdadeira.

Além de oferecer a leitura de progressivo momentâneo, os verbos pontuais eventivos ainda oferecem a leitura de processo, ou atividade como chama Smith (1997) e Rothstein (2004), quando aparecem com o progressivo. Dessa forma, o verbo *bussare* (knock) do italiano é ambíguo, oferecendo duas interpretações: uma de “bater na porta uma vez” e outra de “bater na porta repetidamente”. No italiano, uma sentença com verbos pontuais com o progressivo é também interpretada como algo que ocorre repetidamente, como mostra o exemplo (4):

- (4) Leo sta bussando.<sup>3</sup>  
Leo is knocking.  
“Leo is knocking”

A eventualidade denotada pela sentença (4) é interpretada como algo que ocorre repetidamente: “bater na porta”, por exemplo, é feito continuamente por algumas vezes como se fosse um processo, ou uma atividade, e não denota o evento de uma única batida.

Outra subclasse dos verbos pontuais é a classe dos pontuais estativos, que são semelhantes aos verbos *achievements*, e apresentam sempre agramaticalidade quando usados com o progressivo. Para Bertinetto & Dini (2006), os predicados como “assustar-se; ficar/estar assustado” são considerados como verbos *state-punctuals*. O exemplo usado por Bertinetto & Dini (2006) para ilustrar a incompatibilidade é com “assustar-se”, em:

- (5) \* Quando Leo entró, Lia si stava stupendo/spaventando.  
“When Leo entered, Lia SI-Chit was amazing/scaring.”

---

<sup>3</sup> O exemplo é extraído do Bertinetto & Dini (2006, p.11)

No italiano, uma sentença que contém um verbo pontual estativo e uma perífrase de duração, *stava stupendo/spaventando*, como em (5), é inaceitável, porque esses verbos têm o mesmo comportamento semântico dos verbos *achievements*, ou seja, constituído por mudança de estado. Por isso, os *achievements* também não aceitam a progressividade, não apenas no italiano, mas no português também, como mostra o exemplo (6).

(6) \* Quando Leo entrou, Lia estava se assustando.

Esse tipo de verbo se assemelha aos *achievements*, pois não consta intervalo de tempo antes da mudança de estado, apenas há a mudança de estado, de **não assustado** para **assustado**, por exemplo. Enquanto os *achievements* com progressividade denotam momentos preparatórios anteriores à eventualidade, por exemplo, “João está morrendo” no português e “Mary is dying” no inglês, os pontuais estativos, ou melhor, os verbos pontuais de modo geral, não aceitam a progressividade, nem mesmo para indicar momentos preparatórios, como nos exemplos com os *achievements*. Assim, Bertinetto & Dini (2006) afirmam que os pontuais estativos não combinam com progressividade.

Com o que Bertinetto & Dini (2006) apresentam é possível ter um quadro resumindo as caracterizações dos pontuais eventivos e pontuais estativos:

- |   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"><li>a) Os pontuais eventivos com o progressivo apresentam a leitura de progressivo momentâneo, isto é, o momento do acontecimento coincide com o momento de fala.</li><li>b) Muitos pontuais eventivos oferecem duas interpretações: uma de progressivo momentâneo e outra de atividade.</li><li>c) Os pontuais estativos com o progressivo são agramaticais.</li></ul> |
|---|

Quadro 5: As caracterizações dos verbos pontuais



De um lado, temos autores como Smith (1997) e Bertinetto & Dini (2006) que sustentam a ideia de haver uma quinta classe. Do outro, temos Rothstein (2004) que se opõem à existência da classe dos semelfactivos. Rothstein (2004), ao refinar a caracterização das classes vendlerianas, usa dois traços semânticos: [ $\pm$  dinâmico] e [ $\pm$  télico]. O uso desses dois traços apenas associados a dois valores, + e -, permite a caracterização de exatas quatro classes. Para a autora, criar uma quinta classe acarretaria o uso de mais um traço. Isso seria custoso em termos teóricos, já que teríamos um sistema que sobrecarrega, pois com a inserção desse traço, matematicamente, criar-se-ia nove possibilidades, mas há apenas cinco delas preenchidas. Com isso, Rothstein (2004) critica a solução de Smith (1997) e procura resolver a questão dos semelfactivos de outra maneira: a classe dos semelfactivos definida por Smith (1997) não é exatamente uma nova classe, mas uma subclasse dos verbos de atividade.

Para Rothstein (2004), a distinção das classes vendlerianas é baseada no sistema de traços, ou seja, para definir estados, atividades, *accomplishments* e *achievements* foram usados dois traços, [ $\pm$  dinâmico] e [ $\pm$  télico]. Assim, temos a tabela abaixo diferenciando cada uma dessas classes.

	[ $\pm$ dinâmico] = que ocorre com o progressivo	[ $\pm$ télico] = que possui VP com telicidade
<b>Estados</b>	-	-
<b>Atividades</b>	+	-
<i>Achievements</i>	-	+
<i>Accomplishments</i>	+	+

Quadro 6: Traço temporal e as classes vendleriana (Rothstein, 2004)

Para a autora, com esses dois traços, dinamicidade e telicidade, as quatro classes estão bem definidas e diferenciadas. A diferença entre estado e atividade se apresenta nos verbos de atividade por denotarem dinamicidade, enquanto os de estado

não. Os *achievements* são [+ télicos] e os estados são [- télicos]. Os estados e os *accomplishments* se diferenciam devido aos estados serem [- dinâmicos] e [- télicos] e os *accomplishments* serem [+ dinâmicos] e [+ télicos]. O que difere os *accomplishments* dos *achievements* é o fato do primeiro ser [+ dinâmico] em comparação com o segundo, isto é, conceitualmente, os *accomplishments* têm desenvolvimento antes de se atingir o clímax e os *achievements* não. Essa diferença pode ser observada em *construir uma casa*, que é um *accomplishment*, e “*morrer*”, que é um *achievement*, por exemplo.

Além de se opor à existência da quinta classe com o argumento de que isso seria custoso demais teoricamente, Rothstein (2004) ainda designa atomicidade como uma das características das atividades. Na interpretação da autora, “*atoms are things which are counted*” (ROTHSTEIN, 2004, p. 165), isto é, entre os verbos de atividade há aqueles que possuem “átomos” (no sentido de poderem ser contados), como *piscar*, *pular*, *bater as asas*<sup>4</sup>, *tossir* e *bater na porta*<sup>5</sup> citados no quadro 1.

Para Rothstein (2004), a classe semelfactiva é “*semelfactive verbs, or semelfactive uses of verbs, are verbal predicates used to denote single instances of events usually considered to be activities.*” (ROTHSTEIN, 2004, p.184). Esse tipo de verbo oferece duas leituras: uma dos verbos de atividade, em que é analisado o evento como todo e a outra oferecida pelo verbo ou pelo sintagma verbal denotando apenas seu minievento. Grosso modo, o exemplo (7) a seguir oferece essas duas interpretações:

(7) João pulou.

A primeira leitura que se pode ter na sentença (7) é que num determinado momento do passado João praticou uma sequência de pulos, um após o outro,

---

<sup>4</sup> O exemplo em PB talvez não seja tão satisfatório, o verbo *flap* em inglês ilustra melhor.

<sup>5</sup> O verbo *knock* em inglês ilustra melhor do que “bater a porta”.

continuadamente. A outra leitura é que João deu o pulo uma vez só. É interessante observar que a sentença, para grande maioria, denota a leitura de atividade, aquele que o pulo é realizado de forma iterativa.

### 3.3 SEMELFACTIVO: A SUBCLASSE DE ATIVIDADE

Em relação aos verbos semelfactivos, não há estudos exclusivamente dedicados a esse assunto em mandarim. O que se encontra é uma descrição sucinta feita por Chen (2004), baseada na explicação elaborada por Smith (1997). Ao considerar um verbo semelfactivo, Smith (1997), de fato, analisa o verbo em si, deixando de lado o *situation type* (tipos de situação) que esse verbo pode configurar, pois se levássemos em conta isso não haveria semelfactivo, visto que o tipo de situação semelfactivo é idêntico ao tipo de situação *achievement*. Por isso, Bertinetto & Dini (2006) explicam que os semelfactivos são diferentes dos *achievements*. Com a maneira como Gong (1995) trata o aspecto em mandarim, percebe-se que o estudo do aspecto se baseia em *situation type* (tipos de situação) como um todo e não apenas em verbos, pois para esse autor o marcador imperfectivo *-zhe* com locativo pressupõe um estado, apesar de ter verbos de atividade, como mostra o exemplo (26) do capítulo 2, reproduzido aqui como exemplo (8):

(8)	货 物	还	在	仓 库	里	堆	着	呢。
	Huò wù	hái	zài	cāng kù	lǐ	dūi	zhe	ne
	Mercadoria(s)	ainda	em	depósito	dentro	empilhar	zhe <sub>result.</sub>	ne
“A(s) mercadoria(s) ainda está(ão) empilhada(s) dentro do depósito.”								

A interpretação que se dá para a sentença é de que a(s) mercadoria(s) está(ão) empilhada(s) no depósito, ou seja, a situação é estática, sem nenhum movimento. Nesse caso, a situação é analisada como um todo e não apenas o verbo, que em (8) é uma atividade, *dūi* (empilhar).

Recapitulando o que foi apresentado sobre atividade no capítulo anterior, um verbo de atividade, ou uma situação de atividade, é constituído pela eventualidade que não apresenta ponto final, não tem clímax a atingir, além disso, tem ponto final arbitrário. Após a interrupção da eventualidade, ainda se pode afirmar que a eventualidade foi realizada. Por exemplo, se Maria está correndo no parque e de repente vê um amigo e interrompe a sua corrida, ainda assim pode-se afirmar que Maria correu, mesmo que a sua corrida tenha sido somente de alguns metros.

Todavia, para os *accomplishments*, essa pressuposição não se configura, ou seja, se Maria está correndo um quilômetro e de repente vê um amigo e para de correr, mesmo tendo corrido alguns metros, não se pode afirmar que Maria correu um quilômetro. Visto que no caso de *correr um quilômetro* tem-se o clímax a atingir determinado por *um quilômetro*, que em *correr no parque* não tem, Smith (1997) atribui a *correr no parque* traços como [- estático], [+ durativo] e [- télico] e para *correr um quilômetro* traços como [- estático], [+ durativo] e [+ télico].

Comparando os traços temporais da atividade com o semelfactivo, é possível estabelecer a seguinte distinção entre as duas classes.

	<b>Estático</b>	<b>Durativo</b>	<b>Télico</b>
<b>Atividade</b>	-	+	-
<b>Semelfactivo</b>	-	-	-

Quadro 7 : Traços temporais de atividade e semelfactivo

O que de fato as distingue é o traço [ $\pm$  durativo]. Saliento aqui o termo **classes de verbos** e não *situation type* (tipos de situação), porque até Smith (1997) reconhece que não há situação semelfactiva. Caso houvesse, a autora não teria mencionado *multiple-event activities*, isto é, atividades de múltiplos eventos para justificar a realização de uma sequência dos semelfactivos.

Os três traços mencionados no quadro 6 são atribuídos por Smith (1997) com a finalidade de separar os verbos de atividade. Entre estes há aqueles que se realizam com sequência de ações diferentes, tais como *correr*, *caminhar*, *desenhar*, etc. e ainda há aqueles que se realizam com sequência de ações idênticas, esses são os que Smith (1997) chama de semelfactivo. No entendimento de Rothstein (2004), as atividades que se realizam com sequência de ações idênticas possuem uma caracterização – a atomicidade. Isso é perceptível nos exemplos (9) e (10):

(9)	她	眨	眼睛。
	Tā	zhā	yǎn jīng.
	Ela	piscar	olho(s).
	“Ela pisca os olhos.”		

A leitura predominante que se dá ao exemplo (9) é aquela em que a eventualidade *zhā* (*piscar*) se realiza de forma contínua como se fosse uma atividade. Em mandarim, usa-se a expressão *yí xià* (*uma vez*) com os verbos de atividade que possuem atomicidade para especificar que a eventualidade foi realizada uma única vez. Em outras palavras, quando se tem a intenção de especificar que alguém pisca os olhos uma vez, teria que falar:

(10)	她	眨	一	下	眼睛。
	Tā	zhā	yí	xià	yǎn jīng.
	Ela	piscar	uma	vez	olho(s).
	“Ela pisca os olhos uma vez.”				

A interpretação que se dá a (10) é, sem dúvida, que ela pisca os olhos uma só vez e sem nenhuma possibilidade de repetição. Isso possibilita pensar que mandarim pode ser uma língua que evidencia a não existência da classe semelfactiva por ter a expressão *yí xià* (*uma vez*, *um pouco*) para indicar que a eventualidade ocorre uma única vez.

Seguindo a teoria de Rothstein (2004), ofereci nesta seção a primeira evidência para a não existência do semelfactivo. Essa evidência é a presença da expressão *yí xià* (*uma vez*), em mandarim, para indicar a ocorrência única da eventualidade com verbo de uso semelfactivo. A expressão *yí xià* (*uma vez*) apresenta a única ocorrência do evento denotado verbo, pois a consequência desse tipo de verbo é possuir atomicidade como caracterização. Caso não haja a expressão *yí xià* (*uma vez*), a eventualidade é interpretada como uma atividade, composta por minieventos.

Na subseção seguinte, apresentarei alguns dados, em mandarim, com os marcadores imperfectivos, *zai-* e *-zhe*, com a finalidade de contribuir para a não existência da classe semelfactiva. Relembrando que os dois marcadores imperfectivos se combinam com atividade de forma satisfatória: o marcador *zai-* com atividade para indicar a progressividade de uma dada eventualidade e o marcador *-zhe* com atividade para indicar a duração ou a continuidade de uma dada eventualidade. Ainda é curioso observar que entre as quatro classes aspectuais, somente a classe de atividade se combina com esses dois marcadores imperfectivos sem nenhuma restrição.

### 3.3.1 Semelfactivos e o Marcador Imperfectivo *zai-*

Com os semelfactivos, o marcador *zai-* faz com que o verbo denote uma atividade. Verbos como *tiào* (pular), *zhā* (piscar), *qiāo* (bater), *tī* (chutar), etc. são considerados semelfactivos, porque o evento denotado por eles se desenvolve de uma forma rápida, não havendo mudança de estado nem resultado. Os verbos semelfactivos se comportam semelhantemente aos de atividade, que se desenvolvem sem uma trajetória determinada a percorrer. Por isso, a sua combinação com o progressivo *zai-* é gramatical em mandarim. Isso é observado no exemplo (11):

(11)	小 美	在	踢	球。
	Xiǎo měi	zài	tī	qiú
	Xiao Mei	zai <sub>progr.</sub>	chutar	bola
	“Xiao Mei está chutando bola.”			

É interessante observar que o exemplo (11), mais especificamente o sintagma *tī qiú* (*chutar bola*), pressupõe duas denotações: uma é *chutar bola* e outra é *brincar com a bola*, ou seja, estar num jogo de futebol. Analisando a primeira denotação (*chutar bola*) com o marcador de progressividade, temos uma cena em que XiaoMei está diante de uma bola e na hora em que ela chutou a bola, pronuncia-se a frase (11). Se for essa interpretação dada para (11), o verbo *tī* (*chutar*) é um verbo de atividade, pois o marcador *zai-* com qualquer verbo de atividade denota a concomitância do momento de fala com o momento de acontecimento.

Caso analisemos o exemplo levando em conta a sua segunda denotação (*brincar com a bola*), teremos ainda o sintagma *tī qiú* denotando atividade, e sua combinação com o marcador *zai-* também indica a concomitância do momento de fala com o momento de acontecimento. Assim, o verbo *tī* (*chutar*) no exemplo (11) configura-se mais como verbo de atividade propriamente dito do que como verbo de atividade de uso semelfactivo.

Além do verbo *tī* (*chutar*), outro verbo *chù mō* (*tocar*) também carrega a caracterização de que a eventualidade tende a se modificar quando há o marcador *zai-*. Em (12) a seguir, o verbo *chù mō* (*tocar*), segundo Smith (1997), é semelfactivo, mas pragmaticamente os falantes nativos tendem a interpretar a sentença independentemente de ter o marcador *zai-* como uma atividade.

(12)	他	在	触 摸	桌 子。
	Ta	zài	chù mō	zhuō zi.
	Ele	zai <sub>prog.</sub>	tocar	mesa.

“Ele está tocando a mesa” (passando a mão sobre a mesa, e não simplesmente encostando e retirando, de forma repetida).

Ao analisar o verbo em questão, *chù mō* (tocar) com o marcador *zai-*, a leitura de repetição de minieventos desaparece, isto é, o gesto que se tem ao tocar a mesa é aquele que encosta os dedos na mesa e logo se retira. A presença do marcador *zai-* pressupõe a mão encostada sobre a mesa, de forma contínua, por um período de tempo, e não aquela de que se encosta e se retira repetidamente. O que se percebe com isso é que o marcador *zai-* modifica o uso semelfactivo para não semelfactivo, reforçando a sua não existência, ou seja, a interpretação dada por *zai-* + *chù mō* (tocar) e *zai-* + *tī* (chutar) é semelhante à dada por *zai-* + *zǒu* (andar/caminhar).

Ao comparar (12) com outro exemplo sem o marcador *zai-*, temos novamente o verbo em questão com duas interpretações: uma é a eventualidade ocorrendo de forma contínua e ininterrupta e outra, a eventualidade ocorrendo apenas uma vez. Veja isso em (13):

(13)	他	触 摸	了	桌 子。
	Ta	chù mō	le	zhuō zi.
	Ele	tocar	le <sub>reali.</sub>	mesa.
	“Ele tocou a mesa.”			

A perfectividade no exemplo (13) é indicada pelo marcador perfectivo *-le*. Contudo, os marcadores não interferem na interpretação que o verbo pressupõe. O verbo em questão, *chù mō* (tocar), por si só pode oferecer duas leituras – uma delas é de atividade e a outra semelfactiva, como observa Bertinetto & Dini (2006) e Rothstein (2004). No primeiro caso, em que ele tocou a mesa (leitura de atividade), a ação não é aquela em que ele encosta a mão na mesa e tira em seguida e faz isso por várias vezes. Muito pelo contrário, é a ação em que ele coloca a mão e permanece com ela na mesa num período de tempo.



No segundo caso (leitura semelfactiva), entende--se que ele toca a mesa em um único momento do tempo, ou seja, é uma ação única de tocar. A presença do marcador perfectivo *-le* pressupõe que a eventualidade foi realizada, porém não indica como o verbo em questão deve ser interpretado.

Para os verbos de atividade de uso semelfactivo, por ter duas leituras para um verbo semelfactivo, como *chù mō*, no uso cotidiano, os falantes do mandarim fazem questão de especificar o uso semelfactivo, como mostra (14):

(14)	他	触 摸	桌 子	一	下。
	Tā	chù mō	zhuō zi	yí	xià.
	Ele	tocar	mesa	um	vez
	“Ele toca uma vez na mesa.”				

A expressão *yí xià* (uma vez), em (14), reforça a leitura semelfactiva do verbo *chù mō*. Então, se deve interpretar a sentença da seguinte maneira: ele toca a mesa com sua mão e logo a retira, isso ocorreu apenas uma vez, sem nenhuma possibilidade de interpretá-la como atividade. Esse evento singular é constituído por um único movimento, ou seja, um trajeto constituído por estender a mão até atingir a mesa.

Se nas línguas naturais, os usuários fazem questão de especificar a maneira como a eventualidade de verbos de atividade se realiza, então, conceitualmente eles consideram que esses verbos de uso semelfactivo são parte da atividade, ou melhor, alguns verbos de atividade podem ser utilizados com leitura semelfactiva. Por isso, para Rothstein (2004), os verbos semelfactivos não podem ter denotação de eventos instantâneos, pois esse evento singular ou subevento faz parte de um evento maior. Especialmente, alguns verbos classificados como semelfactivos quando acompanhados do marcador imperfectivo *zai-*, a interpretação dada a eles já não é mais de minievento, como mostra exemplo (14), pois se entende que esse toque se estendeu, ou seja, ele colocou a mão na mesa por um período longo, muito mais do que um simples toque.

A elaboração de Rothstein (2004) ao considerar os verbos semelfactivos como uma subclasse dos verbos de atividade resolve o problema da combinação de semelfactivo + *zai-*. Em mandarim, é uma evidência e uma comprovação de que os considerados semelfactivos são uma subclasse dos verbos de atividade, pois, quando há semelfactivo com *zai-*, a situação é de atividade e não semelfactiva. Para que os verbos indiquem o uso semelfactivo é inevitável a adição de *yí xià* (uma vez). Sem essa expressão, para grande maioria dos falantes nativos, a sentença em si, como (14), expressa situação de atividade. Assim como para o exemplo (15) a seguir:

- (15) 秘书 | 在 | 敲 | 门。  
 Mì shū | zài | qiāo<sup>6</sup> | mén.  
 Secretária | zai<sub>prog.</sub> | bater | porta.  
 “A secretária está batendo na porta.”

O exemplo (15), ao ser pronunciado, é interpretado predominantemente pelos falantes do mandarim como aquela em que a secretária está batendo na porta de forma contínua, isto é, uma sequência de batidas na porta e não aquela em que ela bate uma única vez.

Para efeito retórico, o marcador *zai-* pode co-ocorrer com o advérbio *zheng* (*neste momento*) e com a partícula sentencial *ne*, segundo Li & Thompson (1981) e Chu (1983), citados por Smith (1997, p. 272). Porém, essa ocorrência não interfere na interpretação da sentença, ou seja, com o elemento *zheng* ou sem ele, quando está com o marcador *zai-*, ela continua sendo progressiva. Caso se acrescentasse o elemento no exemplo (15), teríamos a sentença a seguir, com a mesma interpretação:

- (16) 秘书 | 正 | 在 | 敲 | 门 | 呢。  
 Mì shū | zhèng | zài | qiāo | mén | ne.  
 Secretária | neste momento | zai<sub>prog.</sub> | bater | porta | *ne*

<sup>6</sup> O verbo *qiāo* se assemelha ao *knock* do inglês, melhor do que *bater*.

“A secretária está batendo na porta.”

Como já foi mencionado no capítulo 1 e 2, o elemento *zheng* pode ser adicionado nas sentenças que têm o marcador que expressa progressividade de uma eventualidade, como mostra (16). Ao acrescentar *zheng*, o marcador *zai-* precede o verbo e o elemento *zhèng* precede *zai-*, formando *zheng zai-*. Semanticamente essa formação indica a realização concomitante do momento de acontecimento e do momento de fala.

A presença do advérbio *zheng* (*neste momento*) na sentença (16) implica que no momento em que a secretária está batendo na porta, alguém pronuncia a sentença. A função desse advérbio nessa sentença é marcar a concomitância. Outro verbo como *pāi dǎ* (*bater (as asas)*) ao estar com o marcador *zai-* oferece a leitura de atividade. Veja o exemplo (17):

- (17) 一 群 麻 雀 在 拍 打 翅 膀。  
 Yī qún má què zài pāi dǎ chì bǎng  
 Um grupo Pardal *zai<sub>prog.</sub>* bater asa(s).  
 “Um grupo de pardais está batendo as asas.”

É notável que o verbo *pāi dǎ* (*bater (as asas)*), quando não está com os marcadores, inicialmente é ambíguo. Uma das leituras é *pāi dǎ* (*bater (as asas)*) uma vez, e outra, uma sequência de *pāi dǎ* (*bater (as asas)*). Mesmo com essas duas leituras, a segunda predomina. E quando esse verbo se une ao marcador *zai-*, a leitura possível e única é a de que a eventualidade *pāi dǎ* (*bater (as asas)*) é uma sequência contínua e em progresso. Assim, pode-se considerar que os verbos que têm a leitura semelfactiva ao estarem com o marcador *zai-*, a única interpretação é idêntica à atividade com *zai-*.

### 3.3.2 Semelfactivos e o Marcador Imperfectivo *-zhe*

O outro marcador imperfectivo de mandarim é *-zhe*, que exerce uma função diferente de *zai-*. Enquanto *zai-* atribui progressividade para a eventualidade, *-zhe* denota a duração da eventualidade e quando na subordinação, denota o resultativo. Quando se observa mais especificamente casos de semelfactivo + *zai*, esse marcador apresenta a ação praticada repetidamente. Já semelfactivo + *-zhe* expressa a duração da repetição da ação.

Assim, a interpretação que o marcador *-zhe* oferece aos verbos de atividade também é oferecida aos semelfactivos, comprovando que eles também devem ser considerados como verbos de atividade.

- (18) 一 群 麻 雀 拍 打 着 翅 膀。  
 Yī qún má què pāi dǎ zhe chì bǎng  
 Um grupo pardal bater zhe<sub>result.</sub> asa.  
 “Um grupo de pardal está batendo as asas.”

Yang & Bateman definem o marcador *-zhe* como duração não marcada, ou seja, ele pressupõe a duração dinâmica ou denota a situação estática de uma dada situação. A distinção entre denotar duração dinâmica e situação estática de dada situação dependerá do contexto em que *-zhe* aparece. A duração dinâmica é aquela em que ele indicar a duração da eventualidade e que essa possa servir de *background* para outra eventualidade, como mostra o exemplo (14) do capítulo 1, reproduzido aqui como exemplo (19):

- (19) 他 穿 着 大 衣 跳 舞。  
 Tā chuān zhe dà yī tiào wǔ  
 Ele vestir zhe<sub>result.</sub> casaco dançar.  
 “Ele dança vestido de casaco.”

O termo *background* indica que a eventualidade apresentada juntamente com o marcador *-zhe* ocorreu anteriormente a outra eventualidade. Em (19), temos a ação *chuān* (vestir) ocorrida anteriormente à ação *tiào wǔ* (dançar). Isso se observa com o marcador imperfeito *-zhe*, essencial para apresentar a duração, ou melhor, apresentar o que acontece depois de uma eventualidade como *chuān* (vestir) ter ocorrido, isto é, o casaco continua nele.

Quando se compara o exemplo (17) com (18) acima mencionados, é perceptível que há diferença, apesar de imperfeitos, talvez essa diferença seja sutil. Em (17), tem-se o marcador *zai-*, que indica a ação em andamento e que o evento ocorre de forma repetida, uma sequência de erguer as asas e abaixá-las. Em (18), aparentemente oferece-se a mesma interpretação, porém quando (17) e (18) fazem parte de uma sentença subordinada, a diferença será mais evidente, como mostra (20):

(20) a	*弟 弟	看	向	窗 户	时,	一	群	麻 雀	在	拍 打	翅 膀。
	Dì di	kàn	xiàng	chuāng hù	shí	yì	qún	má què	zài	pā dǎ	chì bǎng
	Irmão mais novo	olhar	em direção	janela	quando	um	grupo	pardal	<i>zai<sub>prog</sub></i>	bater	asa

“Quando o irmão mais novo olhou em direção à janela, um grupo de pardal estava batendo as asas.”

b	弟 弟	看	向	窗 户	时,	一	群	麻 雀	拍 打	着	翅 膀。
	Dì di	kàn	xiàng	chuāng hù	shí	yì	qún	má què	pā dǎ	zhe	chì bǎng
	Irmão mais novo	olhar	em direção	janela	quand o	um	grupo	pardal	bater	<i>zhe<sub>result.</sub></i>	asa.

“Quando irmão mais novo olhou em direção à janela, um grupo de pardal estava justamente batendo as asas.”

Em mandarim, uma sentença como (20a) é agramatical, apesar de que os dois eventos descritos, um pelo verbo *kàn* (olhar) e outro pelo verbo *pā dǎ* (bater (as asas)), possam ocorrer concomitantemente. A agramaticalidade é causada pelo marcador *zai-*,

pois ele não carrega a característica de descrever uma situação estática. Já (20b) é perfeitamente gramatical, porque o marcador *zhe*- denota a duração ou uma situação estática. Em outras palavras, pode-se ter a eventualidade de um grupo de pardal batendo as asas antes de o irmão olhar em direção à janela. Isso significa que quando olhou em direção a ela, esse grupo de pardal já estava batendo as asas.

Ainda há outro ponto interessante a se comentar: é possível, perfeitamente gramatical e aceitável pelos falantes nativos, a combinação de *zheng* + *zai*- + *v* + *-zhe*.

(21)	一	群	麻 雀	正	在	拍 打	着	翅 膀。
	Yì	qún	má què	zhèng	zài	pāi dǎ	zhe	chì bǎng
	Um	grupo	pardal	neste momento	<i>zai</i> <sub>prog.</sub>	bater	<i>zhe</i> <sub>result.</sub>	asa.
“Um grupo de pardal está batendo as asas.”								

A presença do marcador *zai*- não muda a interpretação que se possa ter quando houver uma sentença com *zheng* + *v* + *-zhe*. A estrutura *zheng* + *v* + *-zhe* dá a interpretação de que o evento está em andamento e que se estivesse como oração subordinada, ela desempenharia o *background* para o outro evento. A estrutura apresentada em (21) também oferece a mesma leitura de (20b). Se colocássemos o exemplo (21) como na sentença subordinada (20b), poderíamos entender que, ao mesmo tempo em que o irmão olha em direção à janela, um grupo de pardal está batendo as asas.

Ou seja, é possível que o evento *pāi dǎ* (bater (as asas)) tenha iniciado antes e se prolonga, e na hora em que o irmão olhou em direção à janela, esse grupo de pardal ainda está batendo as asas. Essa subordinação faz com que o marcador *-zhe* denote o estado resultante da atividade, mas este estado não é perfectivo, pois a eventualidade não foi terminado ou concluída.

### 3.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Após uma análise dos verbos de uso semelfactivo juntamente com a expressão *yí xià* (*uma vez*) e com os dois marcadores imperfectivo, tem-se em mãos alguns dados para dizer que, pelo menos em mandarim, não há a quinta classe definida por Smith (1997). Inicialmente, os verbos de uso semelfactivo oferecem interpretação de atividade, ao invés de semelfactivo como a autora defende. Além disso, para especificar que a eventualidade se realiza numa única ocorrência, é aplicada a expressão *yí xià* (*uma vez*).

Além de usar uma expressão específica como indicação da única ocorrência, em mandarim, os marcadores imperfectivos também são peças importantes para sustentar a hipótese de não haver semelfactivo, pois tanto *zai-* quanto *-zhe* com verbos de uso semelfactivo faz com que esses verbos se aproximem e indiquem atividade. Aliás, em casos como *chù mō* (*tocar*) e *tī* (*chutar*), considerados como semelfactivos por Smith (1997), com os marcadores imperfectivos, resultaram em atividades, ou seja, perderam até os seus usos semelfactivos.

Os dois marcadores imperfectivos, *zai-* e *-zhe*, além de transformarem verbos de uso semelfactivo para uso não semelfactivo, ainda serviram como grande indício da não existência dessa classe.

Recapitulando: Rothstein (2004) atribuiu dois traços temporais [dinâmico] e [télico] com valor  $\pm$ , que resulta em [+ dinâmico], [- dinâmico], [+ télico] e [- télico]. Consequentemente, isso dá quatro classes aspectuais: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements* – as quatro classes aspectuais definidas por Vendler (1967), que posteriormente foram analisados com mais atenção. Isso serve para os falantes nativos como noção clara de como os marcadores aspectuais (aqui não se restringe a apenas os imperfectivos) se combinam com essas classes.

Conforme o quadro 12 apresentado no capítulo 2, os marcadores imperfectivos se combinam com restrição com verbos de estados e *achievements* e se combinam sem restrição com as atividades. E ainda os mesmos marcadores imperfectivos também se combinam com o semelfactivo sem restrição, como mostra o quadro a seguir:

<i>Situation type</i>	Traços temporais			Marcadores imperfectivos	
	Dinâmico	Durativo	Télico	Ocorrência com <i>zai-</i>	Ocorrência com <i>-zhe</i>
<b>Estados</b>	-	+	-	Não	Não
<b>Atividades</b>	+	+	-	Sim	Sim
<b>Semelfactivos</b>	+	-	-	Sim	Sim
<i>Accomplishments</i>	+	+	+	Sim	Não
<i>Achievements</i>	+	-	+	Não	Não

Quadro 8: *Situation type* e ocorrência com os marcadores imperfectivos

O fato da compatibilidade de marcadores imperfectivos com semelfactivos, e ainda, essa combinação oferecer uma interpretação idêntica à da atividade, contribui para evidenciar que não há classe semelfactiva e que essa classe é apenas uma subclasse das atividades.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de uma exposição do sistema tempo aspectual do mandarim, este trabalho se iniciou apresentando a formação do aspecto nessa língua, formação essa que consiste em convergir dois aspectos – lexical e gramatical. Investigou-se, ainda, como esses dois aspectos se configuram em mandarim. De um lado, isso constitui um auxílio para o professor dessa língua e alunos estrangeiros, de outro, contribui para o melhor entendimento das noções essenciais dos marcadores aspectuais, principalmente os imperfectivos. Além disso, a análise dos dois aspectos teve por finalidade investigar se há uma classe verbal a mais além das quatro indicadas por Vendler (1967). Essa nova classe é nomeada como semelfactiva, que aparentemente é diferente da classe da atividade.

A classificação do aspecto lexical em mandarim se dá através das análises dos valores intrínsecos aos verbos. Dessa forma, tem-se quatro classes – estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*. Já o aspecto gramatical se distingue pelas noções de perfectividade e imperfectividade. Em mandarim, a perfectividade e a imperfectividade é indicada por marcadores aspectuais. Autores como Comrie (1976) e Smith (1997) denominam os marcadores aspectuais como sufixos. Todavia, como foi apresentado no capítulo 1, convencionalmente os afixos são entendidos no nível lexical e não gramatical. Exemplificando a existência desses afixos no nível lexical temos o polonês, por exemplo. Ao procurar a palavra *escrever* no dicionário bilíngüe de português-polonês, temos duas palavras correspondentes, uma é *pisać* e outra é *napisać*, ambas indicam *escrever*. A diferença entre as duas significações para o mesmo verbo se deve à diferença aspectual: a primeira, *pisać*, indica a imperfectividade denotada pelo verbo *escrever* e a segunda, *napisać*, indica a perfectividade denotada pelo verbo. Essa diferença se verifica no uso do prefixo *na-* no verbo *escrever*. A prefixação faz com que o verbo *pisać* (escrever) de perfectivo passe a *napisać*, imperfectivo.

Caso o mandarim utilizasse os sufixos para indicar aspecto, teríamos duas versões para cada verbo, uma para o perfectivo e outra para o imperfectivo. Em outras palavras, teríamos o verbo *ser* numa versão perfectiva e outra imperfectiva, por exemplo. Porém, não é isso que se encontra em mandarim. Por isso, a primeira questão levantada no capítulo 1 deste trabalho foi se o termo *sufixo* é apropriado para designar os marcadores aspectuais, já que não há duas versões para o mesmo verbo como no polonês, e ainda, a (im)perfectividade em mandarim se observa na sentença e não no léxico (os marcadores perfectivos, tanto *-le* quanto *-guo*, sucedem o verbo; o marcador imperfectivo *zai-* precede o verbo e o marcador imperfectivo *-zhe* sucede o verbo). Em função do objetivo central a que este estudo se propôs, o percurso seguido ao longo do trabalho fez emergir uma série de questões interessantes que poderão eventualmente ser retomadas para posterior discussão.

Em mandarim, a (im)perfectividade é indicada pelos marcadores aspectuais, constituindo, dessa forma, o aspecto gramatical. Obviamente, há de se notar que nem todos os marcadores aspectuais, tanto perfectivos quanto imperfectivos apresentados nesse trabalho, se combinam com as quatro classes de Vendler (1967), visto que as características desses marcadores e os traços temporais são elementos essenciais para essa combinação. A possibilidade e a impossibilidade foram mostradas na seção 2.5 e resumidamente no quadro 12 do capítulo 2. As duas classes vendlerianas que não se combinam de forma alguma com os dois marcadores imperfectivos, *zai-* e *-zhe*, são estados e *achievements*.

A impossibilidade dos marcadores imperfectivos de se combinar com os estados se deve ao fato destes serem [- dinâmicos], traço essencial para distinguir estados de atividades. Já a impossibilidade dos marcadores imperfectivos de se combinar com os *achievements* é devido à existência do traço [- durativo], traço essencial para distinguir *achievements* de *accomplishments*. Contudo, não é porque os *accomplishments* têm como traço [+ durativo] que se garante a perfeita combinação com os marcadores imperfectivos. Há restrições em relação à ocorrência desses

marcadores com os *accomplishments*, principalmente o marcador *-zhe*. Essas restrições são motivadas pela telicidade que os *accomplishments* carregam para se distinguirem das atividades. Pragmaticamente, o marcador *zai-* com *accomplishments* são aceitáveis sob uma condição, que o marcador não represente o final da eventualidade, pois ele indica sua progressividade, deixando de lado os pontos iniciais e finais. Já em relação ao marcador *-zhe* com *accomplishments*, a restrição é maior pelo fato desse marcador indicar a continuidade ou o resultativo da eventualidade.

Uma outra questão levantada foi sobre a importância da noção de realização e completude. Em mandarim, essas duas noções precisam estar claras, visto que a realização da eventualidade não engloba a sua completude, mas a completude engloba a realização. Ou seja, uma eventualidade como “fazer um bolo” pode iniciar, mas durante a sua realização a pessoa pode interromper o evento, isso nos garante que a eventualidade se iniciou, mas não que ela se completou. Ao comparar essa eventualidade com “fazer um bolo até ele ficar pronto”, nessa segunda possibilidade, tem-se a garantia de que o bolo foi feito. Ou seja, fica evidente, em mandarim, que a noção de completude é expressa pelos RVC – *resultative verbal complement*, uma vez que havendo RVC sucedendo o verbo, a eventualidade é realizada e completada. Isso faz com que todas as eventualidades com RVC não combinem com nenhum marcador imperfectivos, mas se combinem com os marcadores perfectivos, porque consta na eventualidade já o resultado, é uma eventualidade concluída.

Toda essa abrangência de estudo originou-se da questão central deste trabalho, contribuir com dados do mandarim a fim de oferecer mais indícios para inexistência da classe semelfactiva, abordagem do último capítulo. A autora (Smith (1997)) que atribuiu a um grupo de verbos o nome semelfactivo reconhece que o termo é apropriado para tratar os subeventos dos verbos que carregam essa característica, pois conceitualmente e pragmaticamente os verbos semelfactivos não são realizados numa única vez. Se for esse o caso, tem-se uma situação de *achievement*, mas que Smith (1997) e Bertinetto & Dini (2006) fazem questão de distinguir as duas classes com o

traço [ $\pm$  télico]. Os verbos semelfactivos, não denotam um evento que se realiza numa única vez e sim de forma repetida, formando, dessa maneira, um evento constituído por uma sequência de minieventos idênticos. Rothstein (2004) considera que os verbos semelfactivos na realidade são ambíguos, isto é, eles oferecem a leitura de atividade e de que o evento foi realizado uma vez. Todavia, a interpretação que prevalece é aquela de atividade. Com isso, a autora julga esse tipo de verbo como uma subparte da atividade.

Com os dados do mandarim, percebe-se que os verbos semelfactivos quando acompanhados dos marcadores imperfectivos, *zai-* e *-zhe*, oferecem para os falantes nativos as mesmas interpretações dadas pelos verbos de atividades. Além disso, pragmaticamente, os falantes nativos utilizam a expressão *yí xià* (uma vez) para indicar que a eventualidade foi realizada uma única vez, separando os minieventos. Mas para se ter os minieventos há de se ter atomicidade, como afirma Rothstein (2004). Caso não tiver atomicidade, tem-se a atividade. Com isso, pode-se afirmar que não existe a quinta classe, ou pelo menos, que os verbos em mandarim são melhor classificados pelas quatro classes vendlerianas.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BERTINETTO, Marco & DINI, Luca. (2006) 'Punctual verbs and the linguistic ontology of events'.

CASTILHO, Ataliba T. de. (2002) 'O Aspecto Verbal no Português Falado'. In: ABAURRE, Maria B. M. & RODRIGUES, Angela C. S. (org.). **Gramática do Português Falado: Novos estudos descritivos**. Vol. 7. Campinas: Ed. Da Unicamp. P. 83-121.

CINTRA Lindley & CUNHA Celso. (2001) **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

CHANG, Jung-Hsing. (2003) 'State eventualities and aspect marker *le* in Chinese'. In: **Taiwan Journal of Linguistic**. Vol. 1.1. P. 97-110.

CHEN, Xuan-Bei. (2004) **The Semantics and Grammaticalization of Imperfective Markers in Chinese**. Tese (Mestrado em lingüística). Universidade Zhong Zheng.

COMRIE, Bernard. (1976) **Aspect – an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge university press.

COSTA, Sônia Bastos Borba. (2002) **O aspecto em português**. 3ª ed. São Paulo: Contexto.

FOLTRAN, Maria José & WACHOWICZ, Teresa Cristina. (2006) 'Sobre noção de aspecto'. In: **Cadernos de estudos lingüísticos**. Ed.: 48(2). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. P. 157-293

GONG, Qian Yen. (1995) **Hanyu de Shixiang Shizhi Shitai**. Pequim: ShangWu.

- ILARI, Rodolfo. (1997) **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto.
- KRIFKA, Manfred. (1998) 'The origins of telicity'. In: ROTHSTEIN, Susan (ed.). **Events and Grammar**. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers. P. 197-235.
- LIAO, Wei Wen. (2004) **The Architectures of Aspect and Duration**. Tese (mestrado em linguística). Universidade Tsing Hua.
- LIN, Jo-Wang. (2003) 'Temporal Reference in Mandarin Chinese'. In: **Journal of East Asian Linguistic**. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers. Vol. 12. P. 259-311.
- NADALIN, Eduardo. (2005) **Aktionsarte e Aspecto Verbal: uma Análise dessa Distinção em Polonês**. Tese (Mestrado em linguística). Universidade Federal do Paraná.
- PAN, Haihua. (1996) 'Imperfective Aspect *ZHE*, Agent Deletion, and Locative Inversion in Mandarin Chinese'. In: **Natural Language and Linguistic Theory**. Vol. 14. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers. P. 409-432
- PAN, Haihua & LEE, Po-Lun. (2004) 'The Role of Pragmatics in Interpreting the Chinese Perfective Markers *-guo* and *-le*'. In: **Journal of Pragmatic**. Vol. 36(3). P. 441-466.
- ROSS, Claudia & MA, Jing-heng Sheng. (2006) **Modern Mandarin Chinese Grammar – a practical guide**. Abingdon: Routledge.
- ROTHSTEIN, Susan. (2004) **Structuring Events: a Study in the Semantic of Lexical Aspect**. 1<sup>a</sup> ed. United Kingdom: Blackwell Publishing.

SMITH, Carlota. (1997) **The Parameter of Aspect**. 2<sup>a</sup> ed. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers.

SOH, Hooi Ling & KUO, Jenny Yi-Chun. (2005) 'Perfective aspect and Accomplishment Situations in Mandarin Chinese'. In: VERKUYL, H. J. & De SWART, H. & Van HOUT, A. (eds.). **Perspectives on Aspect**. The Netherlands: Springer. P. 199-216.

SUN, Chao Fen. (1998) 'Aspectual Categories that Overlap: A Historical and Dialectal Perspective of the Chinese *zhe*'. In: **Journal of East Asian Linguistic**. Vol. 7. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers. P. 153-174

DAHL, Östen. (1981) 'On the Definition of the Telic-Atelic (Bounded-Nonbounded) Distinction.' In: TEDESCHI, Philip J. & ZAENEN, Annie. (eds.) **Syntax and Semantics**. Vol. 14. New York: Academic Press. P. 79-90.

VENDLER, Zeno. 1967. 'Verbs and Times'. In: **Linguistics in philosophy**. Ithaca, New York: Cornell University Press. P. 97-121

YANG, Guowen & BATEMAN, John A. 'The Chinese Aspect System and its Semantic Interpretation'. Germany: Bremen University. Disponível em: <http://www.aclweb.org/anthology/C/C02/C02-1031.pdf>. Acesso em 21 de maio. 2007.